

Setúbal Arqueológica
vol. 20



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017

Coordenação
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares



Setúbal Arqueológica

Vol. 20 | 2021

Propriedade	MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ /Associação de Municípios da Região de Setúbal
Direcção	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Coordenação do volume	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Capa	Ana Castela
Desenho de campo	David Jesus, Jorge Feio, Jorge Costa [†] , Júlio Costa e Teresa Rita Pereira
Desenho de materiais	Françoise Mayet, Inês Conde, João Pimenta e Teresa Rita Pereira
Mapas	Paula Covas
Fotografia	Arquivo MAEDS, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Rosa Nunes
Inventário	Fernanda Fino, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte e Virgínia Ajuda
Restauro	Paula Palmeira
Paginação e artes finais	Ana Castela e Paula Covas
Impressão	Tipografia Belgráfica Lda.

Informações e permutas Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: <http://maeds.amrs.pt/>
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

ISSN 0872-3451

Depósito Legal 494630/22

Copyright® Setúbal Arqueológica e autores, 2021
Todos os direitos reservados. Este livro ficará disponível em
open access: <http://maeds.amrs.pt/setubalarqueologica.html>

LISTA DE AUTORES

Adriana Leite

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0001-6721-743X>

Ana Elisabete Pires

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
ana.elisabete.pires@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1118-8569>

Anders Götherström

Centre for Palaeogenetics, Stockholm University, Sweden.
<https://orcid.org/0000-0001-8579-1304>

Antónia Coelho-Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
antonia.c.soares@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>

Carlos Tavares da Silva

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
ctavaressilva@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

Catarina Ginja

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
catarinaginja@cibio.up.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2278-7089>

Cleia Detry

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
cleiadetry@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

Elisa de Sousa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
e.sousa@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

João Pimenta

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
joao.marques@cm-vfxira.pt
<https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>

Joaquina Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
joaquinasoares1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

José Antonio Correa Rodríguez

Catedrático Emérito de la Universidad de Sevilla
jacorrea@us.es

Maria Leonor Ferreira

Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0002-5991-4101>

Noé Conejo

Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla
nconejo@us.es
<https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

Ricardo Miguel Godinho

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0003-0107-9577>

Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
<https://www.cienciavtae.pt/portal/FE19-D7B4-3750>

Silvia Valenzuela-Lamas

Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institució Milà i Fontanals, Archaeology of Social Dynamics, Barcelona, Spain.
<https://orcid.org/0000-0001-9886-0372>

Susana Duarte

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
cea.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0001-6071-9680>

Susana Estrela

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
estrela.susana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

Teresa Rita Pereira

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
t.pereira.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

Vincenzo Soria

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
vinso84@hotmail.it
<https://orcid.org/0000-0002-2891-6681>

ÍNDICE

- 9 O SÍTIO, A PAISAGEM, OS ECOFACTOS...**
- 11 I. Introdução**
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 27 II. Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Antónia Coelho-Soares
Susana Duarte
Teresa Rita Pereira
- 45 III. Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 65 IV. Contextos antropológicos do Castro de Chibanes**
Ricardo Miguel Godinho
Adriana Leite
- 73 V. Enterramentos infantis em espaço residencial**
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 77 VI. O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)**
Cleia Detry
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
- 87 VII. Genomic analysis of cattle from the Roman Republican fortification of Chibanes, Palmela, Portugal**
Maria Leonor Ferreira
Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
Cleia Detry
Silvia Valenzuela-Lamas
Anders Götherström
Ana Elisabete Pires
Catarina Ginja
- 103 CULTURA MATERIAL: CERÂMICA**
- 105 VIII. As taças helenísticas com decoração a molde**
Elisa de Sousa

- 109 IX. A cerâmica tipo Kuass
Elisa de Sousa
- 113 X. Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes
Vincenzo Soria
- 121 XI. Chibanes. Cerâmica de paredes finas
Antónia Coelho-Soares
- 131 XII. A cerâmica cinzenta
Elisa de Sousa
- 149 XIII. A cerâmica comum
Elisa de Sousa
Teresa Rita Pereira
- 229 XIV. As ânforas de Chibanes
João Pimenta
- 279 XV. Fiação, tecelagem e costura
Teresa Rita Pereira
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 293 XVI. Signos epigráficos en Chibanes (Palmela)
José Antonio Correa Rodríguez
- 303 METAIS, NUMISMAS E ADORNOS**
- 305 XVII. Os artefactos metálicos
Teresa Rita Pereira
- 347 XVIII. Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.
Noé Conejo
- 357 XIX. Adornos de Chibanes
Susana Estrela
- 377 INTEGRAR E CONCLUIR**
- 379 XX. Cultura material e sociedade: as conclusões possíveis
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva

Adornos de Chibanes

Susana Estrela¹

Introdução

De entre o vasto espólio de Chibanes, são analisados os adornos provenientes das escavações que a equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal tem empreendido no local desde 1996 (Tavares da Silva e Soares, 1997).

A este conjunto, composto por 46 elementos de adorno – 40 contas de ensartar (quatro delas policromas), três anéis, dois pendentes e um alfinete de cabelo (identificados por número sequencial de registo gráfico), somam-se as referências fornecidas pelas recolhas de superfície dos inícios do século XX (Costa, 1910) e o estudo de parte destes objetos, atualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (Pimenta *et al.*, 2019).

A apresentação dos dados é iniciada de acordo com as diferentes matérias-primas exploradas para a confecção dos adornos, e precisamente por aqueles aos quais a investigação se tem ainda pouco dedicado – os elaborados sob osso e concha.

Passa-se de seguida à análise dos anéis e à averiguação das associações de adornos proporcionadas pelo registo estratigráfico.

Discutem-se e ponderam-se diferentes questões, tentando-se dar respostas capazes e apoiadas em provas, retiradas do registo arqueológico de Chibanes, do estado de conservação e da observação de marcas de uso e/ou desgaste, deformações e outros aspetos das peças.

Uma das principais temáticas foca-se na produção local de alguns destes objetos, e estabelece um quadro de diferenças e semelhanças relativamente a outros locais de onde são já conhecidos adornos.

Possibilita-se a afinação da cronologia da produção de boa parte dos adornos, colocando Chibanes num conjunto de sítios onde a arqueologia proporciona o enriquecimento dos conhecimentos, particularmente sobre os séculos II e I a.C.

As matérias-primas

OSSO E CONCHA

Existem em Chibanes quatro artefactos elaborados a partir de osso e um quinto feito sobre concha. Em osso, há duas contas de colar (CHIB17/272 e CHIB96/549), dois pendentes (CHIB12/1 e CHIB12/2) e um fragmento de alfinete de cabelo (CHIB15/727). Sobre concha, existe uma conta (CHIB13/59). Por ora, não é possível aferir a espécie ou espécies que serviram de base à elaboração destes objetos.

A estas contas há que acrescentar a menção feita por Marques da Costa a uma “ (...) *rodella*, com um furo ao centro (...). *Attendendo ao seu pequeno peso (...)* seria talvez a cabeça de um alfinete de osso, para o cabelo”

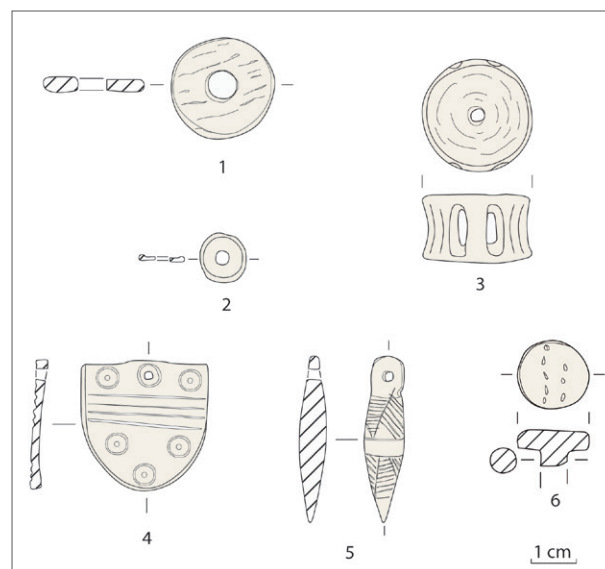


Fig. 1 – Adornos elaborados em osso (1 – CHIB17/272, 4 – CHIB12/1, 5 – CHIB12/2, 6 – CHIB15/727), concha (2 – CHIB13/59) e vértebra de peixe (3 – CHIB96/549). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

¹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. estrela.susana@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

(Costa, 1910, p. 59; Est. I: n° 444). O artefacto em questão corresponderá a uma conta discoide em osso, que não figurará na coleção depositada no Museu Nacional de Arqueologia (daí a ausência do seu estudo em Pimenta *et al.*, 2019) e que se soma às contas anteriormente descritas.

Duas das contas são discoides, respetivamente em osso e concha (Fig. 1: n°s 1 e 2). A primeira provém de estratigrafia da Idade do Ferro (Fase II), na área exterior ao *Locus* G20, no núcleo residencial, inscrita numa cronologia que está balizada entre os séculos III e II a.C. Já a conta feita sobre concha é proveniente do *Locus* T12, um dos ambientes de época romana mais orientais do núcleo residencial.

Em termos métricos, os diâmetros oscilam entre os 11 e os 22,5mm (com furos entre os 3mm e os 6,4mm), a altura apresenta valores entre 2,5 e 4,7mm e a espessura entre 4,4 e 9mm. Possuem 0,2 e 2,6 g de peso (respetivamente a conta elaborada sobre concha e a conta em osso).

Morfologicamente idênticos a estas duas contas de Chibanes são conhecidos exemplares feitos sobre osso do povoado ocupado entre os séculos VI-III a.C. de Freiria (Cascais): três contas de colar (Cardoso e Encarnação, 2013, p. 139: fig. 10: n° 3; fig. 11: n° 7; 171: fig. 71: n°s 6-8; 177), às quais se acrescentou mais recentemente a menção a uma conta proveniente da necrópole da *villa*, num contexto datado da 1ª metade do século IV a.C. (Cardoso, 2018, p. 155, 174; 208: fig. 178: n° 2).

Da gruta-santuário da Lapa da Cova (Sesimbra), menciona-se a possível existência de uma conta de colar em osso, em cronologias dos meados do I milénio a.C. (Calado *et al.*, 2017, p. 536, 540).

A terceira conta de Chibanes apresenta naturalmente uma forma cilíndrica e corresponde a uma vértebra de peixe, apresentando-se ligeiramente polida ou afagada. A perfuração, também natural, serviu como elemento de suspensão para ensartar (Figs. 1 e 2: n° 3). Provém do *Locus* L12, uma área de lixeira localizada a Noroeste do *Locus* P10, no exterior das fortificações da Idade do Ferro e de época romana republicana (Silva e Soares, 2014, p. 115; Soares *et al.*, 2019, p. 83). Inscreve-se na Fase IIIB, do 2º quartel e meados do século I a.C. As suas dimensões, consideráveis, e a ausência de outras contas às quais se possa associar (existindo apenas uma conta em vidro azul, anular, na estratigrafia da Idade do Ferro: CHIB96/2321) autorizam que se pense nela como um elemento único de um adorno.

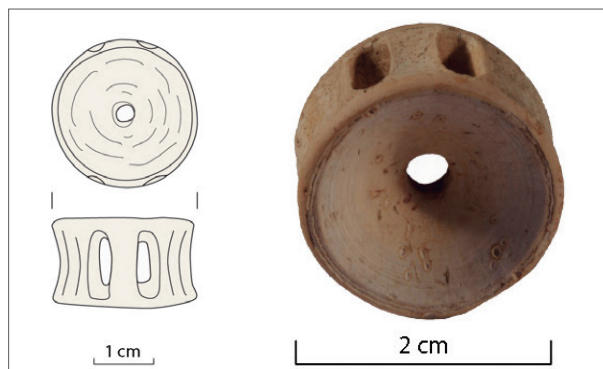


Fig. 2 - Conta elaborada a partir de vértebra de peixe (CHIB96/549). Desenho de Teresa Rita Pereira. Foto de Rosa Nunes.

O pendente CHIB12/1 (Fig. 1: n° 4 e Fig. 3), em osso, foi recolhido no *Locus* D14, em camada de revolvimento, do lado sudoeste do umbral da porta do ambiente tardo-republicano. Trata-se de uma fina placa de osso trabalhado, fragmentada junto do topo. O fragmento conservado é em forma de língua. Encontra-se decorado no anverso mediante a incisão de seis pequenos círculos concêntricos, separados por quatro linhas incisadas horizontais. Os três localizados junto do topo da peça alinham-se na horizontal e os restantes três desenvolvem-se em U, acompanhando a curvatura da peça. O círculo concêntrico central junto do topo da peça está furado, o que serviria o propósito de suspensão. Os restantes não estão perfurados. O reverso não ostenta qualquer decoração.

Trata-se da tampa de uma caixa de selagem reaproveitada como pendente. As caixas de selagem configuram artefactos elaborados noutras matérias-primas, metálicas, para além do osso, criados para



Fig. 3 - Pendente de osso em forma de língua (CHIB12/1). Foto de Rosa Nunes.

autenticar correio e impedir a violação do mesmo.

A fratura que o exemplar em osso de Chibanes apresenta, no topo da peça, faz adivinhar um apêndice de formato retangular que servia de elemento de ligação com a caixa propriamente dita, essa sim originalmente perfurada para fazer correr os fios que envolviam o invólucro do correio (uma explicação exemplar do processo em Pereira, 2008, p. 108-110). Na origem, esta tampa configuraria uma caixa de selagem em forma de língua, conforme explicitam os exemplares de Cardona, no Noroeste peninsular (Olesti Vila, 2019, p. 72; 75 – fig. 2) ou de Campes de Lloses (Barcelona), datadas entre o século I a.C. e os inícios do século seguinte (Alonso, 2013, p. 218).

A peça de Chibanes, depois de inutilizada pela fratura, foi recriada como pendente, perfurando-se o círculo concêntrico inciso central do topo.

Esta curiosa peça, e a história que consegue contar, vem preencher uma cronologia até agora não contemplada no atual território português, já que provém de um momento de ocupação da Fase IIIB de Chibanes, do 2º quartel e meados do século I a.C., onde adorna um pescoço ou colo depois de reaproveitada da sua função original, que poderá ser recuada até aos finais do século II a.C. – 2º quartel do século seguinte. Seja caixa de selagem seja pendente, vem colocar um ponto mais meridional no mapa deste tipo de objetos e revelar uma maior antiguidade para a sua utilização.

O pendente CHIB12/2 (Fig. 1: nº 5 e Fig. 4), finalmente polido, apresenta um formato elipsoidal alongado, quase fusiforme, com o topo, apresentando um orifício circular centrado, numa porção da peça com contornos arredondados, e uma base pontiaguda. O corpo encontra-se cuidadosamente decorado com incisões que preenchem, abaixo e acima de uma banda, triângulos, quase como se configurassem uma peça de vestuário.

A peça provém do *Locus* P7, um dos ambientes do Edifício A, tardo-republicano, tendo sido recolhido sobre um poial, na estratigrafia da Fase IIIB, datada do 2º quartel e meados do século I a.C. Ainda que na estratigrafia justaposta deste espaço tenha surgido uma conta em vidro azul, anular, na Fase IIIA (CHIB12/651), julgo que este pendente foi utilizado como único elemento de um colar (Fig. 4).

Por fim, o fragmento de cabeça discoide de alfinete de cabelo, com início da haste de secção circular (Fig. 1: nº 6) foi recolhido numa camada de abandono referente à Fase II (Idade do Ferro, séculos III-II a.C.) na área do *Locus* T16. Alfinetes de cabelo como este são conhecidos em Conímbriga, cuja datação é dilatada

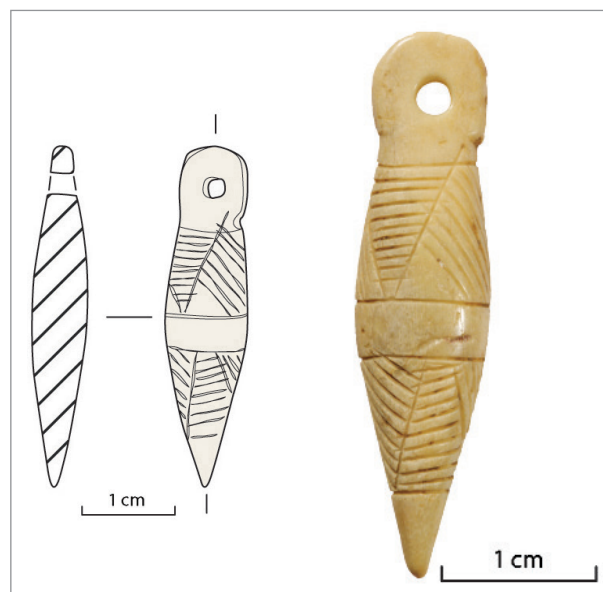


Fig. 4 - Pendente elipsoidal alongado em osso polido (CHIB12/2). Desenho de Teresa Rita Pereira. Foto de Rosa Nunes.

– entre os séculos I e V d.C. (França, 1968, p. 69; 78; Est. I: nº 52) ou em *Complutum*, onde lhes é atribuído o Tipo VII, provenientes de contextos indeterminados, dificultando uma datação segura (Rascón Marques *et al.*, 1995, p. 321 – fig. 5: nºs 86-87; 322; 328; 338).

No caso da peça de Chibanes, e atendendo ao contexto de recolha, é caso para afirmar uma maior antiguidade para este tipo de objeto, que pode inclusivamente ser afinada na 2ª metade do século II a.C., o que configura uma novidade nesta categoria artefactual muito melhor conhecida para cronologias posteriores, como bem exemplificam os alfinetes de cabelo de Conímbriga ou *Complutum*.

Marques da Costa referiu um objeto em osso que poderá ser um alfinete de cabelo (Costa, 1910, p. 57-59; Est. I e II: nºs 441, 442, 443 e 445). Está ausente do estudo realizado pela equipa que revisitou o espólio recolhido por Marques da Costa e atualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia (não constando em Pimenta *et al.*, 2019), porventura por nele não constar.

Marques da Costa refere tratar-se de um objeto em osso “ (...) *intencionalmente tostado, para lhe dar a côr escura (...)*”, no qual, em “ (...) *cada uma das faces opostas da cabeça [existe] uma gravura, formada por dois círculos concêntricos (...)*” (Costa, 1910, p. 58). Trata-se da peça inventariada sob o nº 441, que o mesmo autor refere anteriormente como estilete ou alfinete (Costa, 1910, p. 57; Est. I). Julgo adequada a chamada de atenção para esta peça aparentemente em parte incerta ou perdida, tanto mais que, encontrando-se completa à

data da publicação, será seguro atribuir uma funcionalidade enquanto objeto de suporte do cabelo.

CATÁLOGO

1 – CHIB17/272. Sector VII, *Locus* Ext. G20. C.4B-4C. Fase II. Conta em osso polido, de forma discoide, com orifício circular descentrado e transversal. Cor castanha muito clara (Munsell 10YR.8/3). Diâmetro da conta: 22,5mm; diâmetro do orifício: 6,4mm; altura: 4,7mm; espessura: 9mm; peso: 2,6 g.

2 – CHIB13/59. Sector X, *Locus* T12, C.1C. Fase IIIB. Conta em concha, de forma discoide, com orifício circular centrado e transversal. Cor branca (Munsell 10YR.8/1). Aspeto muito mate. Diâmetro da conta: 11mm; diâmetro do orifício: 3mm; altura: 2,5mm; espessura: 4,4mm; peso: 0,2 g.

3 – CHIB96/549. Sector IV, *Locus* L12. C.2B. Fase IIIB. Conta em vértebra de peixe, de forma cilíndrica, com orifício circular centrado e transversal. Cor branca (Munsell 10YR.8/1). Aspeto mate. Diâmetro da conta: 24,4mm; diâmetro do orifício: 3,8mm; altura: 14,4mm; espessura: 10,6mm; peso: 4,4 g.

4 – CHIB 12/1. Sector V, *Locus* D14. C.1B. Fase IIIB. Pendente em osso, em forma de língua, com orifício circular centrado no topo e transversal. Cor branca (Munsell 10YR.8/1). Aspeto mate. Anverso decorado com seis círculos concêntricos incisos, separados por quatro linhas incisas horizontais. Os três círculos localizados junto do topo da peça alinham-se horizontalmente e os restantes desenvolvem-se em U, acompanhando a curvatura da peça. Anverso não decorado. Círculo concêntrico inciso central do topo perfurado para suspensão. Altura: 28mm; largura: 29mm; espessura: 3,4mm; diâmetro do orifício de suspensão: 1,5mm; peso: 3 g.

5 – CHIB12/2. Sector IV, *Locus* P7. C.2. Fase IIIB. Pendente em osso polido, com forma elipsoidal alongada. Cor branca (Munsell 10YR.8/1). Aspeto brilhante. Topo arredondado com orifício circular centrado e transversal; base em ponta boleada. Porção central decorada em todas as superfícies com incisões que preenchem espaços triangulares, localizados acima e abaixo de uma banda formada por duas incisões horizontais. Comprimento: 36,9mm; largura: 8,9mm; espessura: 6mm; diâmetro do orifício de suspensão: 1,8mm; peso: 2,4 g.

6 – CHIB15/727. Sector IV, *Locus* T16. C.4A. Fase II/Fase IIIA. Fragmento de alfinete em osso, com cabeça de forma discoide e início de haste com secção circular. Cor branca (Munsell 10YR.8/1). Aspeto mate. Diâmetro da cabeça: 16mm; diâmetro da haste: 5,5mm; altura: 7mm; espessura: 3mm; peso: 1,2 g.

CORNALINA

A cornalina representa-se em Chibanes exclusivamente a partir de cinco contas cilíndricas, inscritas numa estratigrafia atribuída à Idade do Ferro (Fase II), datada dos séculos III e II a.C. As contas distribuem-se pela área que viria a ser ocupada por três compartimentos da ocupação de época romana-republicana nos sectores IV e V (Tavares da Silva e Soares, 2012, p. 81: fig. 16; Tavares da Silva *et al.*, 2019, p. 217: fig. 1): *Locus* B20, parte do Edifício C1, e *loci* R14 e T16, que conformam porção do Edifício B. Em todas as divisões são associáveis a outras contas, em vidro.

Perante a uniformidade morfológica destas cinco contas em cornalina - encontradas completas, quase todos os respetivos descritores métricos são constantes: diâmetro entre 8 e 11mm, espessura de 3 a 4mm, diâmetro do orifício de suspensão entre 2 e 3mm. A altura e o peso são os descritores mais variáveis, oscilando entre os 4mm e os 12mm e os 0,4 g e 2,4 g (das contas CHIB15/734 e CHIB13/15, respetivamente). Como seria de esperar em contas elaboradas nesta matéria-prima lítica, a cor, vermelha, oscila muito pouco, com quatro contas em tons médios e apenas uma mais escura (Fig. 5). Relativamente aos orifícios de suspensão, constantemente circulares e transversais, há que referir que apenas duas contas apresentam aberturas descentradas, sendo que numa delas o furo mostra sinais de desgaste (Fig. 6).

Há que mencionar que Marques da Costa publicou “ (...) uma conta discooidal da especie de agatha chamada cornalina” (Costa, 1910, p. 77; Est. VI: nº 541) aparentemente ausente no Museu Nacional de Arqueologia, onde as suas recolhas foram depositadas depois da sua morte (não sendo mencionado em Pimenta *et al.*, 2019). Por outro lado, a matéria-prima recolhida por Marques da Costa figura sob a forma de duas contas de colar nesta publicação: uma conta elipsoidal e uma conta referida como sendo anular, entendidas

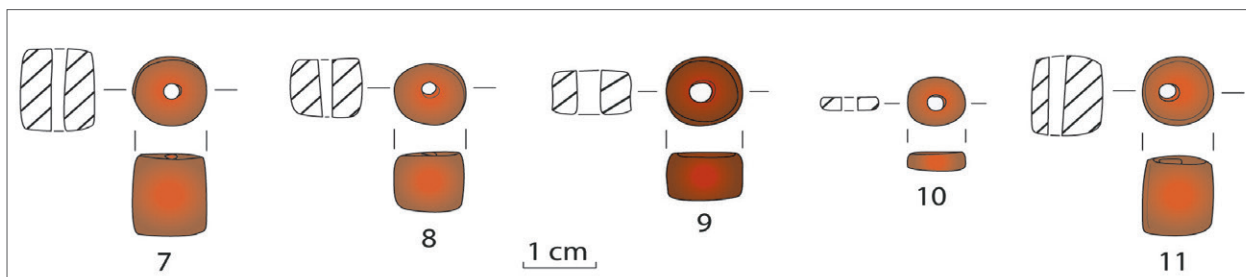


Fig. 5 - Contas em cornalina (7 – CHIB13/15, 8 – CHIB13/16, 9 – CHIB15/733, 10 – CHIB15/734, 11 – CHIB16/40). Desenhos de Teresa Rita Pereira.



Fig. 6 - Conta em cornalina com orifício com marcas de desgaste (11 - CHIB16/40). Foto de Rosa Nunes.

como podendo conhecer uma cronologia da Idade do Ferro (Pimenta *et al.*, 2019, p. 67 – fig. 10: n^{os} 59 e 60; 68). Considero que a morfologia da última conta será cilíndrica. Contas feitas às contas em cornalina de Chibanes, conhecem-se deste sítio oito contas.

Exótica na Península Ibérica (Martínez Mira e Vilaplana Ortego, 2014, p. 913) e, na impossibilidade de identificar a origem dos adornos feitos em cornalina em análises arqueométricas sobre recolhas provenientes de sítios do Bronze Final e da I Idade do Ferro (Gonçalves *et al.*, 2011, p. 230), poderá presumir-se uma origem egípcia para as importações presentes no Sudoeste (Martín de la Cruz *et al.*, 2014, p. 16).

Em território atualmente português e dentro das mesmas cronologias das contas de Chibanes, Mesas do Castelhinho oferece quatro contas provenientes de contextos estratigráficos do século I a.C. e cinco são recolhidas em episódios de utilização posteriores aos meados do século II a.C. (Estrela 2019, p. 199). No depósito secundário de Garvão (Ourique), do século III a.C., contabilizam-se oito contas, três delas designadas como sendo esféricas achatadas, uma bitroncocónica e quatro cilíndricas (Beirão *et al.*, 1985, p. 92-94). Em Cabeça de Vaiamonte (Monforte), a cornalina está presente em apreciável quantidade, com formas e dimensões variadas (Fabião, 2001, p. 212), ainda desconhecidas.

De cronologia ainda incerta, da Idade do Ferro ou de época romana republicana, há que mencionar uma conta em cornalina recolhida à superfície do sítio de Chões de Alpompe, no vale do Tejo (Zbyszewski, Ferreira e Santos, 1968, p. 53; Est. I: n^o4).

Já em cronologias seguramente anteriores, de meados do século VI e do século V a.C., e proveniente de

um ponto literalmente litoral, a cornalina estará presente na gruta-santuário da Lapa da Cova (Sesimbra), num conjunto de mais de uma centena de elementos de adorno no qual esta matéria-prima é apontada como podendo ser a mais abundante e sob a forma de contas cilíndricas (Calado *et al.*, 2017, p. 534 – fig. 3; 535-536; 540). Da necrópole da Herdade do Gaio (Sines), são conhecidas seis contas em cornalina, datáveis da 2^a metade do século VI a.C. (Gomes, 2016, p. 402-404).

Para a atual Andaluzia, pode citar-se o santuário de La Algaida (Cádiz), visitado entre os séculos VI e II a.C. (López-Amador e Ruiz Gil, 2010, p. 440). Em âmbito insular, a cornalina era abundante nos colares da necrópole dos séculos IV e III a.C. de Puig des Molins, Ibiza (San Nicolás Pedraz, 1986, p. 66-67, 92 – fig. 17, 93 – fig. 21).

CATÁLOGO

7 – CHIB13/15. Sector V, *Locus* T16. C.4A. Fase II/Fase IIIA. Conta em cornalina, de forma cilíndrica, com orifício circular centrado e transversal. Cor vermelha (Munsell 10R.5/8). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 10,8mm; diâmetro do orifício: 2,4mm; altura: 12mm; espessura: 4mm; peso: 2,4 g.

8 – CHIB13/16. Sector V, *Locus* T16. C.4A. Fase II/IIIA. Conta em cornalina, de forma cilíndrica, com orifício circular descentrado e transversal. Cor vermelha (Munsell 10R.4/8). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 9,9mm; diâmetro do orifício: 2,5mm; altura: 9,2mm; espessura: 3,6mm; peso: 1,4 g.

9 – CHIB15/733. Sector V, *Locus* B20. C.4B. Fase II. Conta em cornalina, de forma cilíndrica, com orifício circular centrado e transversal. Cor vermelha escura (Munsell 7.5R.3/6). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 10,7mm; diâmetro do orifício: 2,5mm; altura: 7mm; espessura: 4mm; peso: 1,4 g.

10 – CHIB15/734. Sector V, *Locus* B20. C.3B. Fase IIIA (limpeza do corte SE). Conta em cornalina, de forma cilíndrica, com orifício circular centrado e transversal. Cor vermelha (Munsell 7.5R.4/6). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 8mm; diâmetro do orifício: 2mm; altura: 4mm; espessura: 3mm; peso: 0,4 g.

11 – CHIB16/40. Sector IV, *Locus* R14. C.4A. Fase II/Fase IIIA. Conta em cornalina, de forma cilíndrica, com orifício circular descentrado e transversal, com marcas de desgaste. Cor vermelha (Munsell 10R.4/6). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 10,5mm; diâmetro do orifício: 2,9mm; altura: 12mm; espessura: 4mm; peso: 2,4 g.

ÂMBAR

Existem em Chibanes duas pedras de anel em âmbar. Uma encontra-se ainda incrustada no anel respetivo, em ferro, no *Locus* R14 (CHIB13/41); outra não (CHIB16/22), e foi identificada no *Locus* D14 que com o anterior e com o *Locus* T16, compõem parte do Edifício B do núcleo residencial. Ambas peças inscrevem-se na Fase IIIB, datada do

2º quartel e meados do século I a.C.

Em época romana, a matéria-prima é referida por Plínio-o-Velho na sua obra *De Naturalis Historia*, salientando as suas qualidades medicinais contra a loucura (Cravinho 2014, p. 109).

Na Península Ibérica, o âmbar do Báltico e da Sicília está presente em diferentes contextos arqueológicos, desde a Pré-história mas a matéria-prima é nativa do Norte e Noroeste e explorada desde o mesmo período (Murillo-Barroso e Martín-Torres, 2012, p. 207-208) Cerdeño *et al.*, 2012, p. 376).

Outros dados apontam para a presença de âmbar na região mais próxima a Chibanes, na Península de Lisboa, conforme nos falam fontes de época medieval: nas costas de Lisboa mas também em Sintra ou Santarém, nas costas de Alcácer do Sal e no litoral algarvio, junto a Faro (Sidarus e Rei, *passim*; Rei, 2005, *passim*) e ainda em Cascais e Sesimbra, Ovar e Ílhavo (Cravinho, 2009, p. 26-27).

No estuário do Sado, da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), uma conta esférica, cuja matéria-prima se atribui com reservas, podendo ser cornalina ou âmbar testemunha um dos raros elementos de ensartar deste importante sítio da Idade do Ferro, em contextos datáveis dos séculos VI-V a.C. (Gomes, 2020, p. 1179; 1186 – fig. 2: nº 6). De acordo com o que a publicação ilustra, julgo tratar-se de uma conta em âmbar.

A gruta-santuário da Lapa da Cova (Sesimbra), ocupada entre os meados do século VI e o século V a.C., exemplifica um local costeiro onde o âmbar se identifica sob a forma de contas de colar (Calado *et al.*, 2017, p. 534 – fig. 3; 536; 540). Com cronologia parcialmente coeva, da necrópole da Herdade do Gaió (Sines) existem 27 contas aparentemente nesta matéria-prima (Gomes, 2016, p. 402-404).

Em sítios com cronologias parcialmente coevas às de Chibanes, a matéria-prima existe sob a forma de contas: quatro sobre o altar do Santuário do povoado fortificado de Castrejón de Capote (Badajoz), datado de meados do século IV a meados do século II a.C. (Berrocal-Rangel, 1989, p. 252-254; 268 – fig. 10, nºs 15, 16, 18 e 19; p. 292 – fig. 34); em Mesas do Castelhinho (Almodôvar), duas contas fraturadas provêm de contextos do século I a.C. (Estrela, 2019, p. 201). No vale do Tejo, uma conta recolhida à superfície de Chões de Alpompe (Santarém), tanto pode ser da Idade do Ferro como de época romana republicana (Zbyszewski, Ferreira e Santos, 1968, p. 53; Est. I: nº1).

VIDRO

Criação egípcia e da Mesopotâmia de meados do III milénio a.C., o processo do fabrico do vidro aperfeiçoa-se em meados do milénio seguinte (Ruano Ruiz, 1995, p. 258) e dissemina-se depois por todo o Mediterrâneo. O fabrico de contas em vidro está atestado em Ibiza (Ruano Ruiz, 1997, p. 26) e anotado como possível na área de Múrcia (Ruano Ruiz, Hoffman e Rincón, 1995, p. 198). Em território atualmente português, Porto do Sabugueiro, na bacia do Tejo (Salvaterra de Magos) é apontado como um local de produção destes objetos (Arruda *et al.*, 2016).

O fabrico artesanal das contas em vidro foi já descrito (Ruano Ruiz, 1995, p. 258-263), sendo que é importante reter a informação de que o fogo constitui um elemento-chave no processo. Para além disso, há que atender às ferramentas, em metal, usadas na tarefa. A atribuição de formas e cronologias das contas em vidro de Chibanes seguiu os parâmetros definidos por Ruano Ruiz (1996).

Das escavações em Chibanes existem em vidro 33 elementos de adorno: uma pedra de anel (descrita adiante) e 32 contas.

Destas, 28 são monocromas e quatro são policromas. Das primeiras, 24 são anulares (tipo 3-A), três são esféricas (tipo 4-A), uma é cilíndrica (tipo 5-A). As cores são monótonas, em tons de azul-cobalto para os exemplares identificados em bom estado de conservação (Fig. 7).

Muitas delas revelam sinais de exposição ao fogo, mais concretamente nove contas anulares, três das policromas, duas contas esféricas e a conta cilíndrica, ou seja, perfazendo um total de 15 contas com estes sinais, equivalendo a 46, 87% do conjunto de contas vítreas. Das policromas, em duas situações podemos observar a forma esférica e a decoração oculada (tipo 4-B-1), uma conta é esférica com fio branco horizontal (tipo 4-B-3) e outra é anular com fio branco horizontal (tipo 3-B-3).

Há que acrescentar as menções feitas por Marques da Costa a “ (...) uma conta, com a forma anelar, de pasta vítrea granular, pouco homogénea, quasi opaca, semelhante á porcelana e com a côr azul ferrete” e a “ (...) metade de outra conta esférica de vidro azul escuro, quasi opaco” (Costa, 1910, p. 68; 69; Est. VI: nºs 509 e 510).

Julgo que estas contas correspondem às recentemente publicadas no estudo dos materiais decorrentes das recolhas de Marques da Costa e depositados no Museu Nacional de Arqueologia (Pimenta *et al.*, 2019,

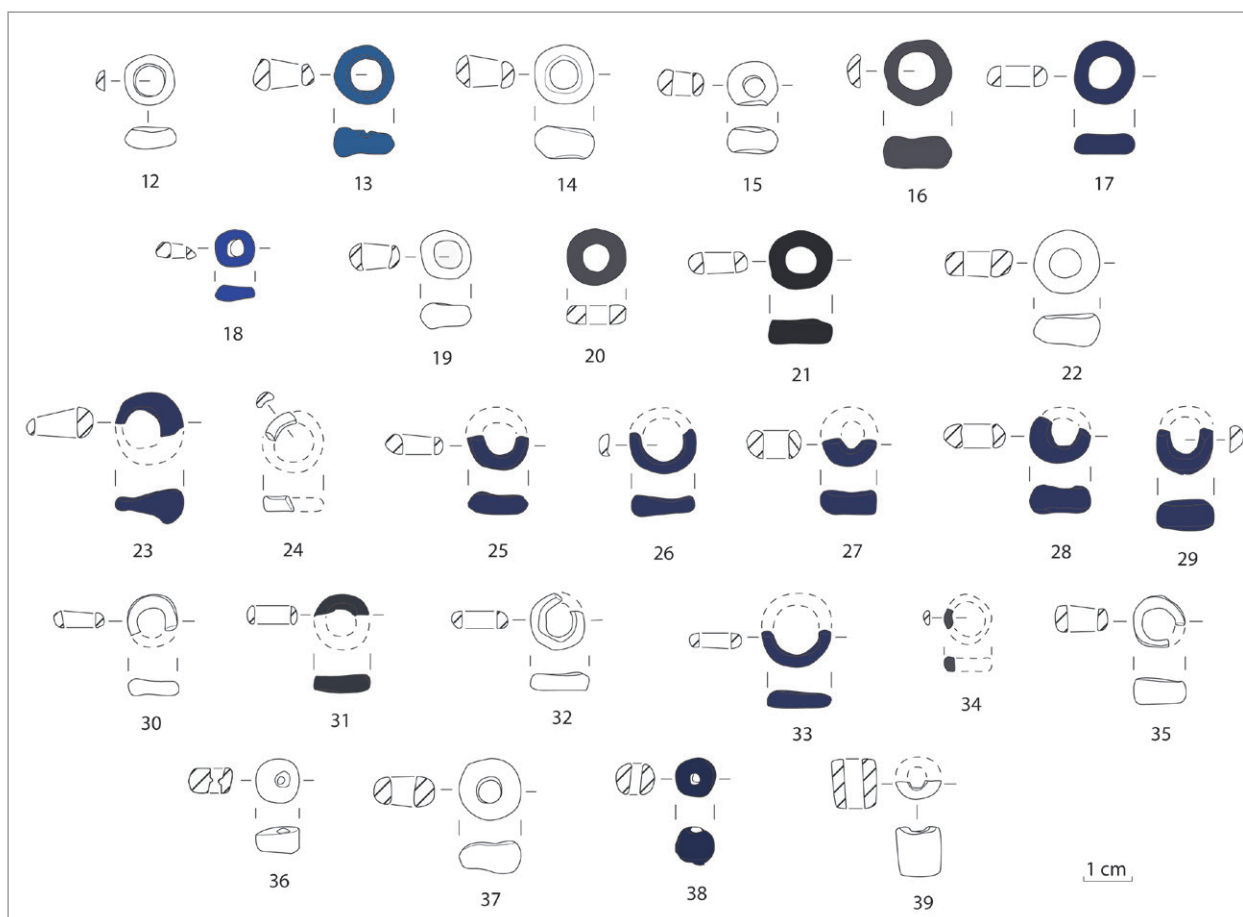


Fig. 7 - Contas monocromas em vidro (12 - CHIB96/ 2321, 13 - CHIB17/269, 14 - CHIB14/294, 15 - CHIB12/651, 16 - CHIB18/18, 17 - CHIB17/76, 18 - CHIB12/ 653, 19 - CHIB13/19, 20 - CHIB16/57, 21 - CHIB96/1304, 22 - CHIB12/ 654, 23 - CHIB13/57, 24 - CHIB13/98, 25 - CHIB14/64, 26 - CHIB15/731, 27 - CHIB17/71, 28 - CHIB14/60, 29 - CHIB16/23, 30 - CHIB17/68, 31 - CHIB13/56, 32 - CHIB12/652, 33 - CHIB15/732, 34 - CHIB17/36, 35 - CHIB17/67, 36 - CHIB16/48, 37 - CHIB12/651, 38 - CHIB13/58, 39 - CHIB16/226). As contas sem cor encontram-se alteradas pela ação do fogo. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

p. 67 - fig. 10: nºs 57 e 58; 68, respetivamente). O mesmo estudo acrescenta uma conta esférica, azul-cobalto (*Idem, ibidem*, p. 67 - fig. 10: nº 56; 68), imputando às três contas uma cronologia entre a 2ª metade do I milénio a.C. e os séculos II e I a.C.

Assim, às 32 contas aqui apresentadas há que adicionar as três daquelas publicações, perfazendo um total de 35 contas em vidro.

Analisemos os descritores métricos do grupo morfológico mais representado em Chibanes, o das contas anulares e, de entre estas, das 19 que se encontram mais completas.

O diâmetro oscila entre 8,6mm e 15mm, sendo que 12 contas apresentam diâmetros estabelecidos entre 11 e 13,5mm (com três contas com 13mm de calibre). Os orifícios oscilam entre os 3,8mm e os 9mm de abertura, com quatro contas a mostrarem valores entre 3,8 e 5,8mm, oito contas entre 6 e 6,9mm (destas, duas têm orifícios com 6,5mm), quatro contas entre 7 e 7,6mm (destas, duas têm furos com 7mm)

e três contas entre 8 e 9mm (com duas contas deste último valor). No referente à altura, que oscila entre os 3 e os 7,3mm, 16 contas mostram valores entre os 3 e 6,9mm e três entre 7 e 7,3mm. Nas espessuras, nove contas apresentam valores entre os 2,3 e os 3,5mm (destas, quatro contas com 3mm e duas contas com 3,3mm) e 10 contas têm entre os 3,6mm e os 5,2mm (destas, três contas mostram o primeiro valor, outras três contas têm 4mm de espessura e duas mostram 3,8mm). No referente ao peso, as contas anulares de Chibanes mostram valores entre os 0,2 g e 1,6 g, sendo que sete contas pesam 0,4 g, quatro contas têm o peso de 0,6 g, cinco contas oferecem 0,8 g de peso e as restantes três possuem peso superior ao grama (Gráficos 1 e 2).

As três contas esféricas oferecem diâmetros entre 8,2mm e 13mm e furos entre 2,1mm e 5,1mm; altura entre 6,5mm e 10,4mm, espessura entre 3 e 4,6mm e o peso oscila entre 0,4 e 0,8 g (com duas contas no primeiro valor de peso). Inscrevem-se na Fase II (séculos

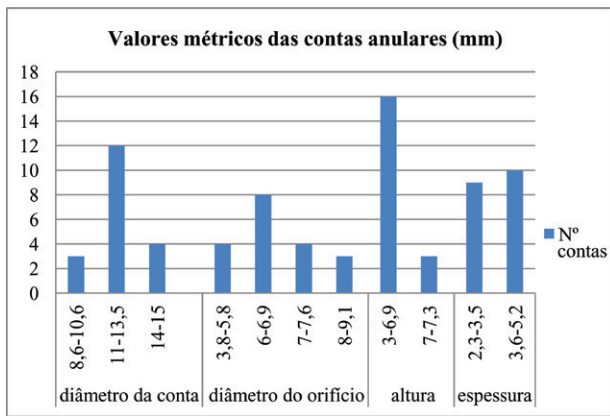


Gráfico 1 – Valores métricos das contas vítreas de forma anular (mm).

III-II a.C.) e na Fase IIIB (2º quartel a meados do século I a.C.), duas delas sofreram exposição ao fogo, ainda que se possa assumir serem todas azul-cobalto.

Apenas com um exemplar, a forma cilíndrica provém de um nível de abandono da Fase IIIB, tendo-se identificado no *Locus* F17 do Edifício C1. Está fragmentada e queimada, situação que a descoloriu, do tom azul-cobalto original que deveria ter, para tons azul claro.

As quatro evidências de contas policromas correspondem a situações de identificação e conservação bastante distintas e três delas revelam sinais claros de exposição ao fogo.

A conta CHIB13/54, esférica, encontra-se fragmentada e o fundo, que deveria ser originalmente azul-cobalto como todas as contas em vidro identificadas em Chibanes, encontra-se descolorido e em tons azul claro. Os olhos, estratificados, são brancos.

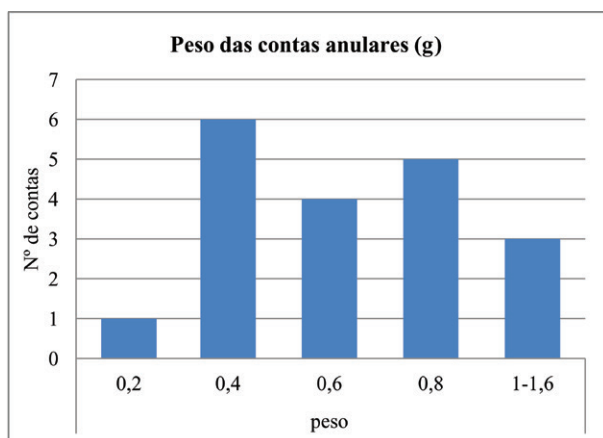


Gráfico 2 – Peso das contas vítreas de forma anular (g).

Esta conta foi recolhida num momento de utilização do *Locus* R14 (Edifício B) inscrito na Fase IIIB (do 2º quartel-meados do século I a.C.).

A conta CHIB13/55 é anular e está fragmentada pela metade. Possui um fundo azul-cobalto e o diâmetro com vestígios de um fio branco horizontal. Provém do *Locus* T12, estando inscrita na Fase IIIA (último quartel do século II – inícios do século I a.C.).

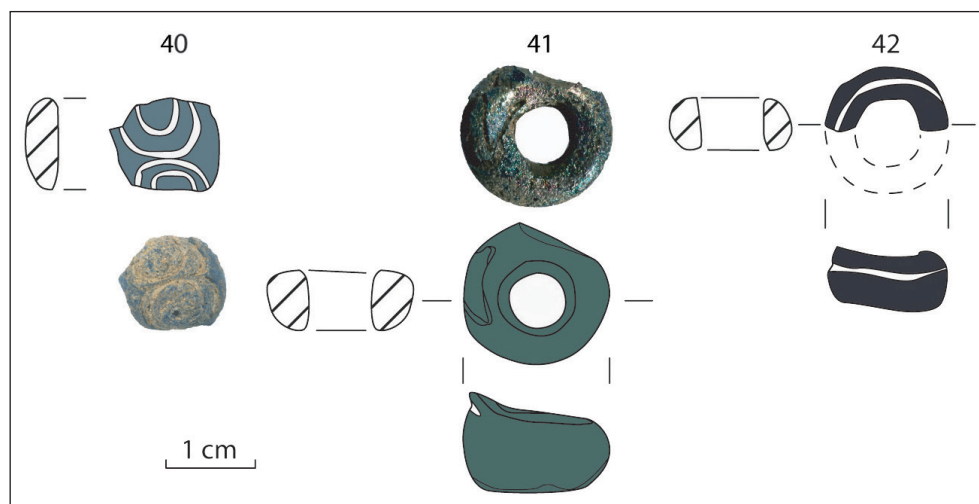
A conta CHIB01/2434, quase inteira, revela sinais fortes da exposição ao fogo que a deixaram extremamente brilhante e com tons cinzento-escuros esverdeados que não correspondem ao original, que deverá ter sido, como as contas de Chibanes que conservam ainda em boas condições a cor, azul-cobalto. Esta exposição ao fogo parece ter feito desaparecer quase na totalidade ténues vestígios de um fio branco horizontal, ou, em alternativa, um olho estratificado. Não se torna fácil a decisão entre uma e outra situação de policromismo. Este exemplar foi recolhido num nível de revolvimento do Sector XX, posterior ao abandono do sítio depois dos meados do século I a.C. (Fig. 8: nº 41).

Por fim, outro caso (CHIB15/119, Fig. 9: nº 43) parece corresponder a pelo menos duas contas, também esféricas, desfeitas pela ação do fogo, e resultantes de um defeito de fabrico (Fig. 9). Provém da mesma área, mas de um momento de utilização da Fase IIIA, no *Locus* A11.

Como em Chibanes, na necrópole celtibérica de Numância, do século II a.C., as contas em vidro são maioritariamente de forma anular: das 55 contas vítreas recolhidas, 52 são deste formato (Jimeno *et al.*, 2004, p. 233).

No Sado, via de circulação comprovada para os contactos com o mundo dito orientalizante, de que são sobejamente conhecidas as matrizes culturais em Alcácer do Sal, Abul e Setúbal, a presença de contas em vidro é, aparentemente escassa, o que não deixa de causar alguma estranheza. Tal facto decorrerá certamente da ausência de estudos sobre este tipo de artefactos. De contextos da Idade do Ferro, da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), extensamente escavada, são conhecidas apenas três contas de colar, esféricas azuis-turquesa oculadas, datáveis dos séculos VI-V a.C. (Gomes 2020, p. 1177; 1186 – fig. 2: nºs 1-3). Mais interior, e identificada na escavação do habitat de Santa Margarida do Sado 3 (Ferreira do Alentejo), na margem direita do rio, conhece-se a menção a uma conta negra oculada (Moro Berraquero, Simão e Godinho 2015, p. 522). Para a época romana, os conhecimentos são absolutamente nulos.

Fig. 8 - Contas policromas em vidro (40 - CHIB13/54, 41 - CHIB01/2434, 42 - CHIB13/55). Desenhos de Teresa Rita Pereira. Fotos de Rosa Nunes.



De um ponto litoral próximo a Chibanes, e de cronologias de meados do I milénio a.C., as contas em vidro da Lapa da Cova (Sesimbra) são quase todas esféricas e de pequena dimensão, existindo quatro oculadas em tons azuis (Calado *et al.*, 2017, p. 534 - fig. 3; 536; 540). Mais afastada, mas igualmente situada em âmbito costeiro, a necrópole da Herdade do Gaio impressiona pela quantidade: 224 contas em vidro, num conjunto datado da 2ª metade do século VI a.C. (Gomes, 2016, p. 402-404).

Já no Tejo, as contas de colar documentam-se de forma mais abundante: na margem esquerda do rio, o sítio de Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos), deu a conhecer 228 contas, das quais 148 são classificáveis. Num sítio com uma ocupação iniciada na chamada I Idade do Ferro, há sinais da produção local destes artefactos, distribuídos regionalmente, numa cronologia balizada entre os séculos IV-II a.C., ou mesmo I a.C.: fragmentos de contas com deformações e escórias, e a monotonia cromática e morfológica das contas, com o azul-cobalto a dominar (salvo apenas oito casos de policromismo, em três formas de contas - esféricas achatadas, anulares e galonadas (Arruda *et al.*, 2016, p. 82, 88, 93-94, 97).

Cabeça de Vaiamonte (Monforte), ainda que sem coordenadas estratigráficas que auxiliem numa datação das contas, revela exemplares com anomalias que sugerem uma produção local (Fabião, 2001, p. 202; 205: fig.1).

Outros locais proporcionam a presença de contas em vidro em cronologias parcialmente coevas às de Chibanes. Do povoado pré-romano de Freiria (Cascais), ocupado entre os séculos VI-III a.C., eram conhecidas cinco contas de colar em vidro, duas delas oculadas (Cardoso e Encarnação, 2013, p. 160; 171:

fig. 71: n.ºs 1-5, fig. 72; 177). A estas se acrescentaram mais recentemente seis contas em vidro azul-cobalto (Cardoso, 2018, p. 364, fig. 292: n.ºs 1-6), três contas fundidas provenientes de um contexto de cremação



Fig. 9 - Deformação escorificada de conta(s) em vidro (43 - CHIB 15/119). Fotos de Rosa Nunes.

da necrópole da *villa* romana e uma conta em vidro, descontextualizada da mesma área (Cardoso, 2018, p. 155, 159; 208: fig. 178: n.º 1; 364, fig. 292: n.º 7).

Datáveis da Idade do Ferro, conhecem-se: a conta de colar oculada do século V a.C. do povoado do Moinho da Atalaia Oeste – Amadora (Sousa, 2014, p. 235; 393: Est. 65: S.N.); as recolhidas na Quinta do Almaraz – Almada (Barros; Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 154-155), mais recentemente, fruto de análises químicas e datadas do século VII a.C. (Filardi, 2011); contas azuis, sendo uma delas oculada, na Alcáçova de Santarém, datadas de entre os finais do século VII e do século V a.C. (Arruda, 1999-2000, p. 216; Arruda, Viegas e Almeida, 2002, p. 161); as centenas de contas azul-cobalto de Moinhos Velhos – Torres Vedras; a dezena de contas do mesmo tom de azul de Vale dos Tijolos – Almeirim, datáveis dos meados do I milénio a.C. (Arruda *et al.*, 2016, p. 92); a conta anular do habitat rural do século IV a.C. de Cabeço Guião, Cartaxo (Arruda *et al.*, 2017, p. 353, 356, fig. 29, p. 359) ou as contas provenientes do Alto das Perdizes, Monsanto – Lisboa, integráveis na II Idade do Ferro (Arruda *et al.*, 2016, p. 92).

Podendo integrar cronologias da Idade do Ferro ou de época romana republicana, são conhecidas: quatro contas de colar em vidro azul do povoado do Alto dos Cacos (Almeirim), recolhidas à superfície (Sousa *et al.*, 2016-2017, p. 28-29, fig. 15: n.ºs 138-141), situação similar às contas de Chões de Alpompe, Santarém (Zbyszewski, Ferreira e Santos, 1968, p. 53; Est. I, n.ºs 2-3).

Já as provenientes de estratigrafia datada de cronologia romana republicana são mais escassas, havendo que mencionar duas contas azuis da Alcáçova de Santarém, dos séculos III-II a.C. (Arruda, Viegas e Almeida, 2002, p. 161), duas contas azuis recolhidas no Castelo de São Jorge, Lisboa, do 3.º quartel do século II a.C. (Pimenta, 2005, p. 36), as três contas azuis e anulares do século I a.C. do Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2015, p. 142).

CATÁLOGO

12 – CHIB96/2321. Sector IV, *Locus* L12 C.5A. Fase II. Conta em vidro, de forma anular, com orifício circular centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:4/1.10B). Aspeto granuloso, carbonizada. Diâmetro da conta: 11mm; diâmetro do orifício: 6,5mm; altura: 4,6mm; espessura: 2,3mm; peso: 0,4 g.

13 – CHIB17/269. Sector VII, Ext. *Locus* G20. C.4B-C. Fase II. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor negro azulado (Munsell Gley2:2.5/1.5PB). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 12,8mm; diâmetro do orifício: 7,2mm; altura: 5,9mm; espessura: 3,8mm; peso: 1,2 g.

14 – CHIB14/294. Sector V, *Locus* T16. C.4D. Fase II. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto algo e granuloso, carbonizada. Diâmetro da conta: 13mm; diâmetro do orifício: 6,5mm; altura: 7mm; espessura: 3,5mm; peso: 0,4 g.

15 – CHIB12/651. Sector IV, *Locus* P7. C.3A. Fase IIIA. Conta em vidro, quase inteira, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado (Munsell Gley2:5/1.5B). aspeto algo mate mas pouco granuloso, carbonizada. Diâmetro da conta: 10,6mm; diâmetro do orifício: 4,1mm; altura: 5,9mm; espessura: 3,6mm; peso: 0,6 g.

16 – CHIB18/18. Sector VII, Ext. *Locus* G20. C.3C-4B. Fase II/Fase IIIA. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor negro azulado (Munsell Gley2:2.5/1.5PB). Aspeto algo mate. Diâmetro da conta: 14,9mm; diâmetro do orifício: 8mm; altura: 7mm; espessura: 3,8mm; peso: 1 g.

17 – CHIB17/76. Sector VII, *Locus* D3. C.3B. Fase IIIA. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 12,6mm; diâmetro do orifício: 7mm; altura: 5,8mm; espessura: 3,7mm; peso: 1,6 g.

18 – CHIB12/653. Sector XIII. C.1B. Fase IIIB. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado (Munsell Gley2:5/1.5B). Aspeto muito brilhante. Diâmetro da conta: 8,6mm; diâmetro do orifício: 3,8mm; altura: 4,3mm; espessura: 3,6mm; peso: 0,2 g.

19 – CHIB13/19. Sector V, *Locus* B20. C.1B. Fase IIIB. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento esverdeado claro (Munsell Gley1:7/1.10Y). Aspeto muito mate e algo granuloso, carbonizada. Diâmetro da conta: 10,4mm; diâmetro do orifício: 5,7mm; altura: 5,7mm; espessura: 3,1mm; peso: 0,6 g.

20 – CHIB16/57. Sector VII, *Locus* G20. C.1A. Fase ind. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor negro azulado (Munsell Gley2:2.5/1.5PB). Aspeto algo brilhante e granuloso. Diâmetro da conta: 13mm; diâmetro do orifício: 6,1mm; altura: 5,4mm; espessura: 4mm; peso: 0,8 g.

21 – CHIB96/1304. Sector IV, *Locus* P10. C.1B. Fase IIIB. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor negro azulado (Munsell Gley2:2.5/1.5PB). Aspeto algo mate e granuloso. Diâmetro da conta: 12,7mm; diâmetro do orifício: 6,7mm; altura: 5,8mm; espessura: 3,6mm; peso: 0,8 g.

22 – CHIB12/654. Sector X, C.1B. Fase IIIB. Conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado claro (Munsell Gley2:7/1.10B). Aspeto mate e granuloso, carbonizada. Diâmetro da conta: 14mm; diâmetro do orifício: 5,8mm; altura: 7,1mm; espessura: 5,2mm; peso: 0,8 g.

23 – CHIB13/57. Sector V, *Locus* T16. C.4A. Fase II/Fase IIIA. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta e do orifício não apurados; altura: 7,3mm; espessura: 4,1mm; peso: 0,4 g.

24 – CHIB13/98. Sector I, Torre T7. C.4. Fase IIIA. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta e do orifício não apurados; altura: 4,5mm; espessura: 3,1mm; peso: 0,05 g.

25 – CHIB14/64. Sector V, *Locus* T16. C.4D. Fase II. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e

transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 13,2mm; diâmetro do orifício: 7mm; altura: 4,5mm; espessura: 4mm; peso: 0,4g.

26 – CHIB15/731. Sector IV, *Locus* R14. C.4C. Fase II. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 14,2mm; diâmetro do orifício: 9mm; altura: 5mm; espessura: 3mm; peso: 0,4 g.

27 – CHIB17/71. Sector VII, Ext. *Locus* G20. C.4B. Fase II. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta e do orifício não apurados; altura: 5mm; espessura:4,5mm; peso: 0,4 g.

28 – CHIB14/60. Sector V, *Locus* T16. C.4D. Fase II. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 13mm; diâmetro do orifício: 6mm; altura: 5,5mm; espessura: 4mm; peso: 0,8 g.

29 – CHIB16/23. Sector IV, *Locus* D14. C.4A. Fase II/Fase IIIA. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 13,5mm; diâmetro do orifício: 6,9mm; altura: 6,9mm; espessura: 3mm; peso: 0,8 g.

30 – CHIB17/68. Sector VII, Ext. *Locus* G20. C.2A. Fase IIIB. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor amarela avermelhada (Munsell 5YR7/6). Aspeto muito granuloso, carbonizada intensamente. Diâmetro da conta: 11mm; diâmetro do orifício: 6,4mm; altura: 5mm; espessura: 3mm; peso: 0,4 g.

31 – CHIB13/56. Sector X, *Locus* T12. C.1C. Fase IIIB. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:4/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta e do orifício não apurados; altura: 5,2mm; espessura:3,35mm; peso: 0,2 g.

32 – CHIB12/652. Sector II, Torre T7. C.2. Fase IIIA. Dois fragmentos de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto granuloso e brilhante mas envolto em patine mate, carbonizada. Diâmetro da conta: 11,6mm; diâmetro do orifício: 6,6mm; altura: 4,1mm; espessura: 3,3mm; peso: 0,4 g.

33 – CHIB15/732. Sector V, *Locus* A11. C.2B. Fase IIIB. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta: 15mm; diâmetro do orifício: 9mm; altura: 3mm; espessura: 3mm; peso: 0,4 g.

34 – CHIB17/36. Sector V, *Locus* J17. C.2B. Fase IIIB. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor negro azulado (Munsell Gley2:2.5/1.5PB). Aspeto brilhante. Diâmetro da conta e do orifício não apurados; altura: 3mm; espessura:2mm; peso:0,05 g.

35 – CHIB17/67. Sector VII, Ext. *Locus* G20. C.2B-3A. Fase IIIB. Fragmento de conta em vidro, de forma anular, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento esverdeado claro (Munsell Gley1:7/1.10Y). Aspeto mate e granuloso, carbonizada. Diâmetro da conta: 11,5mm; diâmetro do orifício: 7,3mm; altura: 6,5mm; espessura: 3,3mm; peso: 0,6 g.

36 – CHIB16/48. Sector V, *Locus* T16. C.4B. Fase II. Conta em

vidro, de forma esférica, com orifício descentrado e transversal. Cor cinzento esverdeado claro (Munsell Gley1:8/1.5GY). Aspeto muito mate e alisado, carbonizada. Diâmetro da conta: 10mm; diâmetro do orifício: 3,8mm; altura: 10,4mm; espessura: 3,5mm; peso: 0,4 g.

37 – CHIB13/17. Sector II, Torre T7. C.2. Fase IIIA. Conta em vidro, de forma esférica, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado claro (Munsell Gley2:8/1.5B). aspeto muito mate e alisado, carbonizada. Diâmetro da conta: 13mm; diâmetro do orifício: 5,1mm; altura: 7mm; espessura: 4,6mm; peso: 0,4 g.

38 – CHIB13/58. Sector X, *Locus* T12. C.1C. Fase IIIB. Conta em vidro, de forma esférica, com orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:3/1.5PB). Aspeto brilhante e alisado. Diâmetro da conta: 8,2mm; diâmetro do orifício: 2,1mm; altura: 6,5mm; espessura: 3mm; peso: 0,8 g.

39 – CHIB16/226. Sector V, *Locus* F7. C.2A. Fase IIIB. Fragmento de conta de forma cilíndrica, com orifício centrado e transversal. Cor verde acinzentado (Munsell Gley1:5/2.5G). Aspeto granuloso e mate, carbonizada. Diâmetro da conta: 10mm; diâmetro do orifício: 3,8mm; altura: 10,4mm; espessura: 3,5mm; peso: 0,4 g.

40 – CHIB13/54. Sector IV, *Locus* R14. C.2D. Fase IIIB. Fragmento de conta esférica e oculada. Orifício perdido. Oculações muito ténues, não se vendo cor. Cor cinzento azulado escuro no fundo (Munsell Gley2:3/1.10B). Aspeto mate e granuloso, carbonizada. Diâmetro da conta e do orifício não apurados; altura: 11,5mm; espessura: 5,4mm; peso: 1,1 g.

41 – CHIB 01/2434. Sector XX. C.1. Fase ind. Conta em vidro quase completa, de forma esférica, com vestígios de fio branco horizontal ou de oculações. Orifício centrado e transversal. Cor verde acinzentado escuro (Munsell Gley1:2.5/2.5G). Aspeto granuloso e brilhante. Carbonizada. Diâmetro da conta: 17,3mm; diâmetro do orifício: 7mm; altura: 11mm; espessura: 5,5mm; peso: 2,6 g.

42 – CHIB13/55. Sector X, *Locus* T12. C.3. Fase IIIA. Fragmento de conta em vidro anular com fio horizontal branco. Orifício centrado e transversal. Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:4/1.10B). Aspeto alisado e brilhante. Diâmetro da conta: 14,5mm; diâmetro do orifício: 7,6mm; altura: 7mm; espessura: 4,1mm; peso: 0,4 g.

43 – CHIB15/119. Sectores IV-V, *Locus* A11. C.3B. Fase IIIA. Fragmento de conta ou contas deformadas, escorificada (s). Cor cinzento azulado escuro (Munsell Gley2:4/1.10B). Aspeto heterogéneo, alisado e brilhante mas também granuloso e opaco. Largura: 39,5mm; altura: 31,5mm; espessura: 8,5mm; peso: 6,8 g.

Anéis

São três os anéis recolhidos nas escavações de Chibanes, todos procedendo da ocupação de época romana republicana, seja na área do fortim ocidental, seja no núcleo residencial localizado no extremo oriental das intervenções empreendidas entre 2012 e 2017.

O anel CHIB13/3 está completo, tem um aro elíptico em liga de cobre e uma pedra de forma oval, convexa, engastada na mesa, em vidro de tons verde água (Figs. 10 e 11: nº 44). Foi recolhido na Torre T7, inscrevendo-se na Fase IIIA, mediada entre o

último quartel do século II e os inícios do século I a.C., podendo presumir-se a sua utilização por parte de um militar. Corresponde ao tipo 1b da classificação de Guiraud, datável de entre o século I a.C. e o século seguinte (*apud* Casal García e Cravinho, 2002, p. 225).

Conhece um paralelo razoável no anel proveniente da sepultura 98.11-11A da necrópole da *villa* de Freiria (Cascais), datada dos finais do século I d.C./inícios do século II d.C. (Cardoso, 2018, p. 160, 174, 194, fig. 152: n.º 5, p. 362, 363, fig. 291: n.º 1) ou num anel de Conimbriga já sem pedra, datado de entre a 2ª metade do século II aos finais do século IV d.C. (França, 1969, p. 10; Est. I: n.º 19). Antecede a associação de três contas em vidro, anulares (CHIB13/98, CHIB12/652 e CHIB12/653), inscritas na Fase IIIB (2º quartel e meados do século I a.C.), o que autoriza uma cronologia prolongada para estes elementos de adorno até aos meados desta centúria.

Ao anel CHIB13/41 falta boa parte do aro, em ferro, que deveria ser circular. Mostra porém uma pedra em âmbar (Figs. 10 e 11: n.º 45). Provém do *Locus* R14, um ambiente do Edifício B do núcleo residencial do sítio e inscreve-se na Fase IIIB. Integrará o mesmo tipo da classificação de Guiraud, no caso vertente com um aro interior aparentemente circular. Associa-se ao fragmento de uma conta esférica oculada proveniente do mesmo *locus* (CHIB13/54), um artefacto cuja cronologia se encontra estabelecida entre os séculos VIII e IV a.C. Há que notar no entanto que a associação de adornos, estratigraficamente recolhidos em momentos de utilização sequenciados, autoriza um prolongamento da cronologia deste tipo de contas em vidro até aos meados do século I a.C.

Do terceiro anel de Chibanes apenas conhecemos a respetiva pedra, em âmbar (Figs. 10 e 11: n.º 46). É proveniente do *Locus* D14 (parte do Edifício B, do núcleo residencial), e inscreve-se na Fase IIIB.

CATÁLOGO

44 – CHIB13/3. Sector II, Torre T7. C.3A. Fase IIIA. Anel em liga de cobre, com aro elíptico (tipo 1b da tipologia de Guiraud: forma paralelepípeda, contorno elipsoidal do aro; parte frontal ou superior ampla e coberta totalmente pela pedra e com amplo bordo metálico ao redor desta). Pedra de forma oval e secção convexa, engastada na mesa, em vidro de cor verde-claro (Munsell Gley1:6/2.5G). Aspetto da pedra ligeiramente brilhante. Diâmetro da pedra: 18,6mm; altura da pedra: 9mm; espessura da pedra: 1,5mm; peso da pedra: 3,6 g.

45 – CHIB13/41. Sector IV, *Locus* R14. C.2C. Fase IIIB. Fragmento de anel em ferro, com aro aparentemente circular. Pedra circular e esférica, engastada na mesa, em âmbar de cor vermelha amarelada (Munsell 5YR.4/6). Aspetto ligeiramente brilhante. Diâmetro da

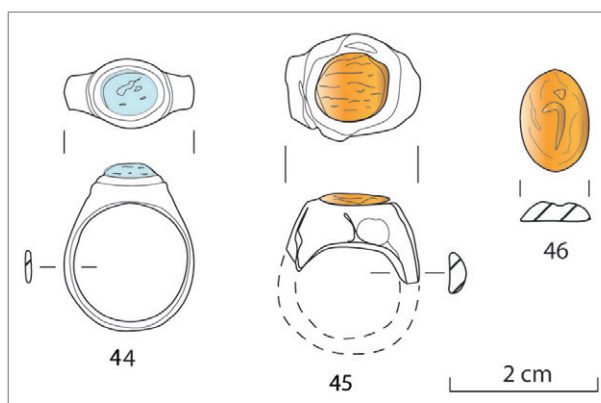


Fig. 10 - Anéis e pedra de anel (44 – CHIB13/3, 45 – CHIB13/41, 46 – CHIB13/3). Desenhos de Teresa Rita Pereira.



Fig. 11 - Anéis e pedra de anel (44 – CHIB13/3, 45 – CHIB13/41, 46 – CHIB13/3). Fotos de Rosa Nunes.

pedra: 12,8mm; altura da pedra: 5mm; espessura da pedra: 3,5mm; peso da pedra: 8,8 g.

46 – CHIB13/3. Sector V, *Locus* D14. C.2A. Fase IIIB. Pedra de anel, em âmbar, de forma oval e secção convexa, de cor vermelha amarelada (Munsell 5YR.4/6). Aspetto brilhante. Diâmetro: 13,8mm; altura: 9,5mm; espessura: 2,5mm; peso: 0,4 g.

Associações de adornos

A estratigrafia de Chibanes permite apurar a reunião de adornos, sobretudo das contas. A análise destas associações será feita de acordo com a diacronia do sítio, sendo que apenas para as fases II e IIIB

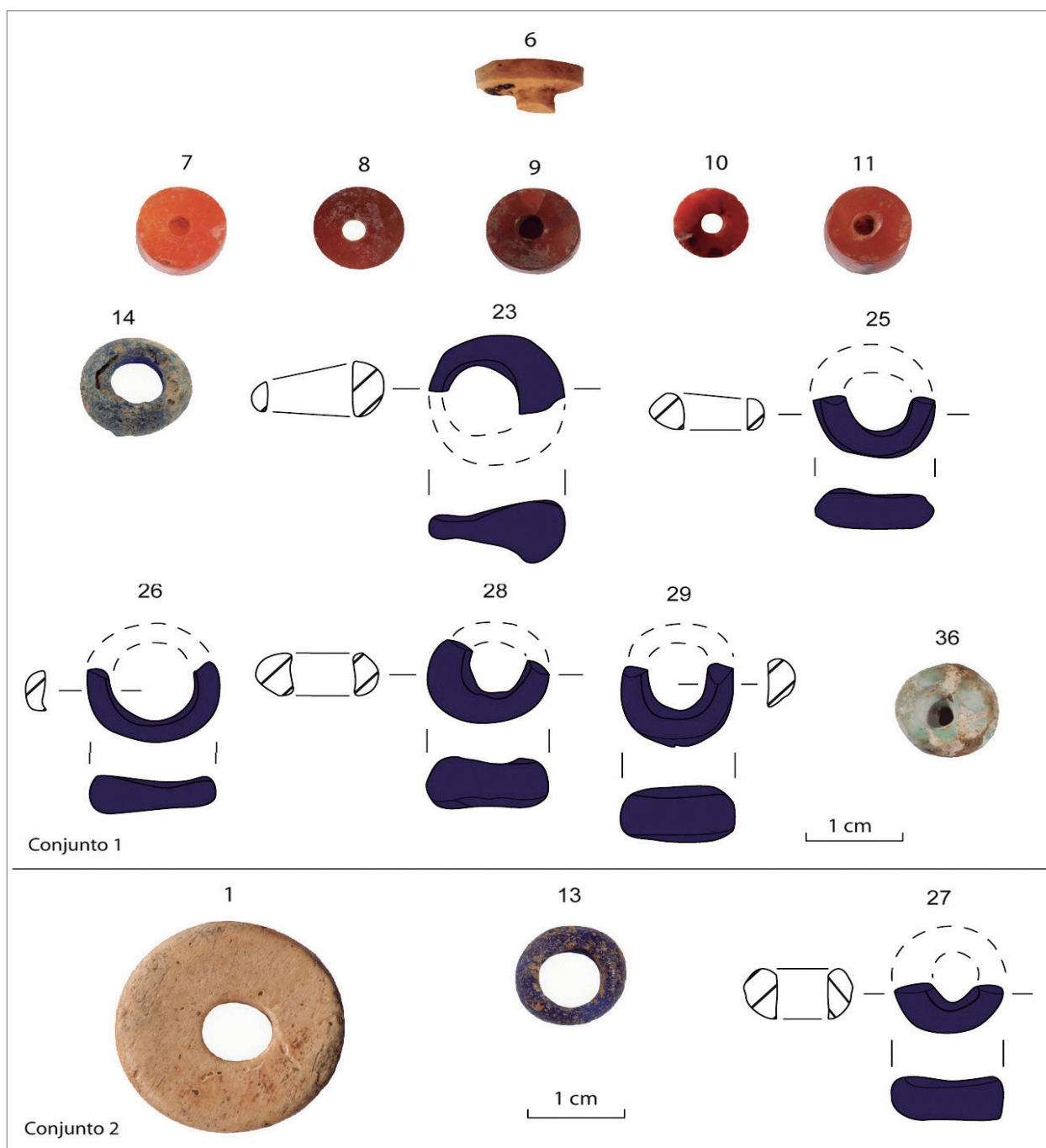


Fig. 12 - Associações de adornos na Fase II (1 - CHIB17/272, 6 - CHIB15/727, 7 - CHIB13/15, 8 - CHIB13/16, 9 - CHIB15/733, 10 - CHIB15/734, 11 - CHIB16/40, 13 - CHIB17/269, 14 - CHIB14/294, 23 - CHIB13/57, 25 - CHIB14/64, 26 - CHIB15/731, 27 - CHIB17/71, 28 - CHIB14/60, 29 - CHIB16/23, 36 - CHIB16/48). Desenhos de Teresa Rita Pereira. Fotos de Rosa Nunes.

podemos identificar verdadeiras reuniões de adornos.

Durante a Fase II, datada de entre os séculos III-II a.C., é possível observar a existência de dois conjuntos de adornos, localizados na área oriental onde em época romana republicana vão existir os edifícios B e C.

O primeiro conjunto, mais numeroso, compõe-se de 12 contas, assim distribuídas por matérias-primas e formas: cinco contas cilíndricas em cornalina (Fig. 12: n.ºs 7 a 11), seis contas anulares em vidro

azul-cobalto (Fig. 12: n.ºs 14, 23, 25, 26, 28 e 29) e uma conta esférica em vidro (Fig. 12: n.º 36). Nenhuma das contas em cornalina apresenta sinais de exposição ao fogo, ao passo que as contas vítreas se encontram nestas condições em dois casos (Fig. 12: n.ºs 14 e 36), ambos provenientes de um mesmo espaço habitacional (*Locus* T16) onde se identificaram nas imediações de uma estrutura de combustão. No mesmo espaço foi identificado o fragmento de alfinete de cabelo com

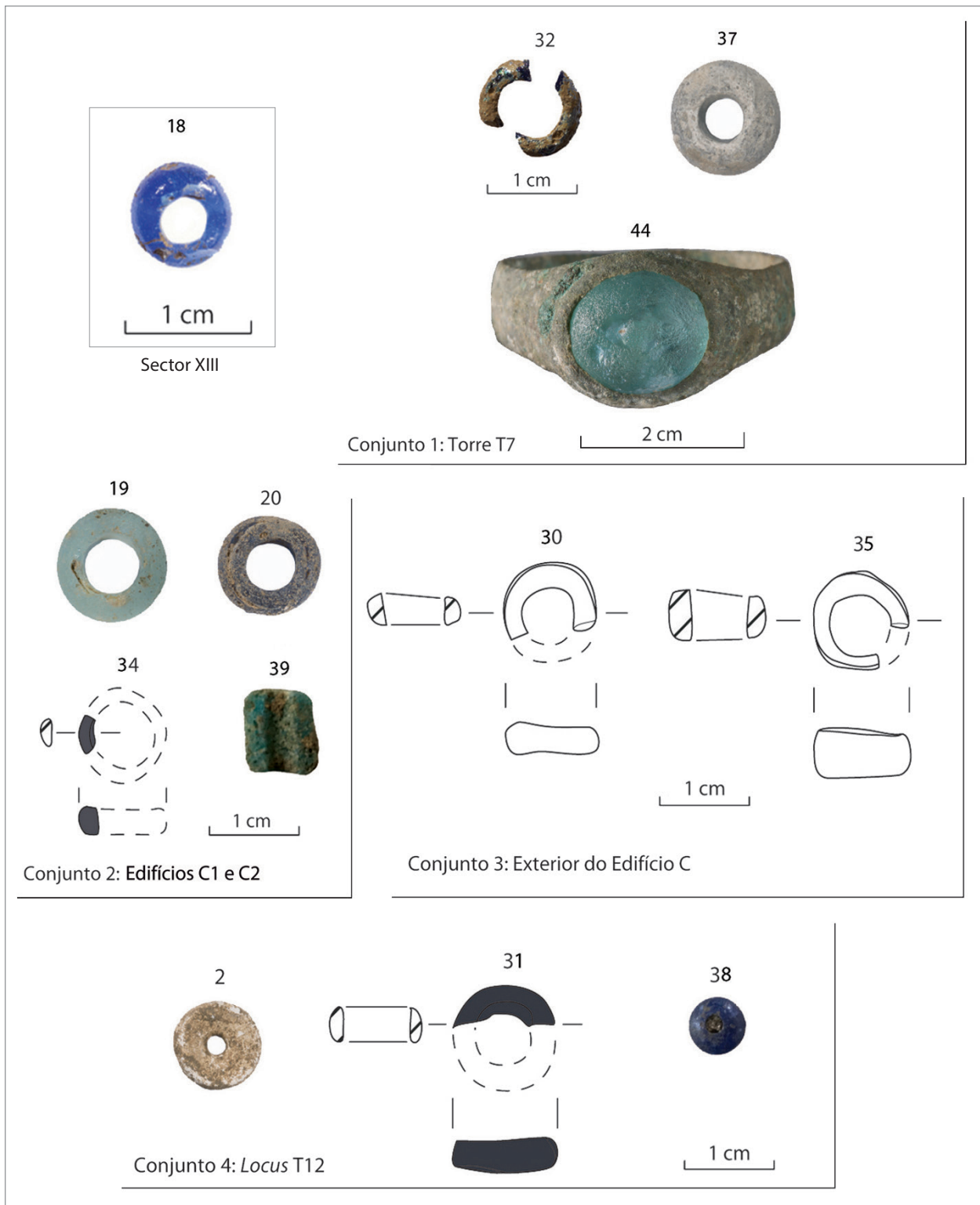


Fig. 13 - Associações de adornos na Fase IIIB (2 – CHIB13/59, 18 – CHIB12/ 653, Sector XIII, 19 – CHIB13/19, 20 – CHIB16/57, 30 – CHIB17/68, 31 – CHIB13/56, 32 – CHIB12/652, 34 – CHIB17/36, 35 – CHIB17/67, 37 – CHIB12/651, 38 – CHIB13/58, 39 – CHIB16/226, 44 – CHIB13/3). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

cabeça discoide (Fig. 12: nº 6).

Esta reunião de contas, o estado em que se apresentam, a proximidade de duas delas a uma estrutura de combustão no *Locus* T16 e a concentração da maior

quantidade de contas neste espaço são elementos suficientemente suspeitos para acusar uma produção local de contas, durante a Idade do Ferro, numa cronologia que rondará a 1ª metade do século II a.C.

O segundo conjunto, composto apenas por três contas, é identificado no exterior do *Locus* G20, estabelecido a partir de uma conta discoide em osso (Fig. 12: n° 1) e duas contas vítreas anulares azul-cobalto (Fig. 12: n°s 13 e 27).

Na Fase IIIB, tardo-republicana, mediada entre o 2º quartel e os meados do século I a.C., será a mesma das intervenções arqueológicas mas também na zona mais ocidental, onde se ergue o fortim, que vamos encontrar associações de adornos.

Na Torre T7, é possível apurar um conjunto de adornos constituído pelo anel com pedra em vidro (Fig. 13: n° 44) e duas contas em vidro – uma esférica e outra anular, sendo que ambas sofreram ação do fogo, tendo a conta esférica sido recolhida junto de uma estrutura de combustão localizada junto da porta deste espaço, onde estava a conta anular queimada (Fig. 13: n°s 32 e 37).

Um segundo conjunto de adornos pode ser reunido na área do Edifício C, com duas contas em vidro (uma cilíndrica e uma anular, azuis) no Edifício C1 (Fig. 13: n°s 19 e 39) e outras duas contas, anulares azuis-cobalto no Edifício C2 (Fig. 13: n°s 20 e 34). Na primeira subdivisão, ambas as contas mostram sinais evidentes de terem estado expostas ao fogo, sendo que a qualquer uma delas parece ser impossível imputar uma estrutura de combustão nas imediações das recolhas. No Edifício C2, nenhuma das contas está queimada.

Bem perto, para Este e numa área exterior, foram identificadas duas contas anulares, queimadas, não se encontrando associadas a estruturas de combustão (Fig. 13: n°s 30 e 35).

Por fim, no *Locus* T12, um dos mais orientais do núcleo residencial tardo-republicano, foram recolhidas três contas numa área de circulação: uma discoide em osso e duas em vidro azul-cobalto (uma anular, fragmentada, e uma esférica) – Fig. 13: n°s 2, 31 e 38.

Discussão

Uma questão que pode ser colocada relativamente aos elementos de adorno de Chibanes elaborados sobre osso e concha prende-se com uma eventual ligação à infância. Na necrópole de Numância, do século II a.C., na sepultura 112, referente a uma criança, uma conta em osso em forma de tonelete associa-se a uma conta em vidro (Jimeno *et al.*, 2004, p. 231-234). Poderemos estender os restantes artefactos de adorno em osso e concha de Chibanes a um âmbito infantil? O pendente CHIB12/2, pelas dimensões que oferece, estaria destinado a ser usado por um adulto, o alfinete

de cabelo destinar-se-ia mais facilmente a uma cabeleira feminina. Sobre as contas e sobre a caixa de selagem reciclada enquanto pendente, a resposta à questão formulada não é fácil de dar, e apenas com a identificação de reais adornos completos poderíamos ter certezas sobre quem as usou.

Os artefactos em osso e concha de Chibanes deverão decorrer de uma produção de âmbito local, sobre matéria-prima disponível nas proximidades ou no próprio sítio. Já outros autores afirmaram uma produção artesanal, realizada por artesãos ou mesmo pelos próprios utilizadores, num processo de fabrico relativamente simples de que a maior dificuldade para os arqueólogos será a identificação da espécie que serviu de matéria-prima e não tanto a identificação de vestígios da matéria-prima em bruto (Pereira 2018, p. 189-191). Em Chibanes, este último passo poderia auxiliar na confirmação ou infirmação da produção dos artefactos em osso e concha que, reconheço, nem sempre estará visível no registo arqueológico. Fica aqui porém lançado o desafio. De Chibanes conhecemos já a presença da atividade piscatória, através de um anzol em liga de cobre e de um peso de rede em chumbo, datados entre o século II a.C. e o século I d.C. e decorrentes das recolhas de Marques da Costa (Pimenta *et al.*, 2019, p. 70 – fig. 11: n°s 82 e 83; 71).

No que respeita a questões de índole cronológica, os dados de Chibanes demonstram que os adornos elaborados sobre matéria orgânica de origem animal se enquadram numa perspetiva de *longue durée*, se não esquecermos os botões de perfuração em V, em marfim ou em osso que acompanhavam os inumados nos pré-históricos hipogeus da Quinta do Anjo (Soares, 2000; Tavares da Silva e Soares, 2014, p. 168).

O mesmo tipo de repto lançado para a procura dos vestígios de matéria-prima animal em bruto poderia estender-se relativamente aos artefactos elaborados sobre matérias-primas líticas (exceção feita à cornalina), no caso vertente, o âmbar.

Os anéis de Chibanes são relativamente simples e as respetivas pedras não ostentam gravações que caracterizam a glíptica que predomina nos estudos sobre estes artefactos, em território atualmente português e noutras áreas (e.g. Cardozo, 1962; López de la Orden, 1990; Casal García e Cravinho, 2002; Cravinho 2009, 2014), o que dificulta sobremaneira a busca de paralelos. Para esta situação também concorre o estado de conservação das peças de Chibanes. No entanto, a sua divulgação e a sua integração cronológica assegurada pela estratigrafia permitirão inspirar o iniciar da senda da investigação deste tipo de artefactos, sobretudo se,

e quando possível, em contextos coevos de outros locais do território atualmente português.

Os estudos sobre glíptica mencionam a utilização muito frequente da cornalina nas pedras dos anéis, seja na atual Andaluzia e para cronologias pré-romanas e romanas (López de la Orden, 1990, p. 34, 44, 93), seja em território atualmente português (Cravinho, 2000, p. 103; Casal García e Cravinho, 2002, p. 224). Em Chibanes, dois dos três anéis existentes têm pedras de âmbar, o que faz suspeitar que esta matéria-prima seria facilmente adquirida pelos artesãos e não revela, *per se*, uma produção local.

Sobre a eventual produção das contas vítreas em Chibanes, há que atender a dois aspectos essenciais que se refletem na análise destes adornos: a monotonia das formas, com as contas de forma anular a representarem 75% do total de contas em vidro, aliado à escassa representatividade das contas noutras formas, policromas ou não; e a absoluta uniformidade cromática, apenas quebrada pelas aparentes ocluações ou fios horizontais a branco.

A resposta, se não se encontra apenas nestes aspectos, poderá estar nas condições de identificação dos adornos, sendo que das 32 contas vítreas de Chibanes, 15 foram encontradas alteradas pela ação do fogo, o que corresponde a 46,87% destes elementos de adorno identificados nestas condições. Esta observação pode estar a mostrar uma efetiva produção local, ou estaremos perante situações decorrentes do descarte dos objetos sobre estruturas de combustão? Uma delas providenciará parte da resposta: a conta nº 17 (Fig. 7) foi identificada sobre uma lareira da ocupação da Idade do Ferro e não apresenta sinais fortes de eventuais defeitos de fabrico, estando apenas ligeiramente queimada.

Parece ser possível afirmar que, a existir uma produção local de contas em vidro, ela se possa imputar a ambas cronologias, já que no pacote estratigráfico de época romana vamos encontrar contas com defeitos de fabrico (nº40) ou deformações escorificadas (nº 43), curiosamente e sem coincidências, provenientes do Edifício B, mais concretamente dos *loci* R14 e A11, e ambas policromas e, da Idade do Ferro, na área do *Locus* T16 (na área do mesmo compartimento tardo-republicano), uma conta anular (nº 14) e uma conta esférica (nº 36) muito alteradas pelo fogo (Figs. 7 e 12).

Este exercício, de natureza topográfica, e elaborado a olho nu sobre os exemplares em apreço, parece ir ao encontro de uma área de cariz habitacional na qual, desde o século III a.C. e até aos meados do século II a.C. se fabricaram, de modo artesanal, contas vítreas. Haveria que procurar, através de análises de teor

químico, a confirmação ou infirmação desta hipótese, por agora meramente teórica.

Contra esta hipótese (ou talvez não) concorre o mesmo tipo de análise relativamente a outros espaços de Chibanes: em estratigrafia da primeira fase da ocupação tardo-republicana, na Torre T7, das quatro contas vítreas, três encontram-se alteradas pela ação do fogo; o mesmo sucedendo com duas das quatro contas do Edifício C1 e numa das duas contas do Edifício A, mas em nenhuma das contas do Edifício C2 (apenas uma conta queimada na área exterior Este deste compartimento) ou do *Locus* T12, ainda mais para oriente. Já noutras áreas exteriores (como a Norte do Edifício B ou extramuros – no *Locus* L12), as contas queimadas podem ser fruto do descarte de peças pouco chamativas do ponto de vista do adorno. A estas há que acrescentar a descrição de Marques da Costa da conta figurada sob o nº 509 (Costa, 1910, Est. VI), a mesma que figura sob o nº 57 do estudo recente da coleção patente no Museu Nacional de Arqueologia (Pimenta *et al.*, 2019, p. 67 – fig. 10: nº 57; 68): “ (...) *granular, pouco homogénea, quasi opaca* (...) ” (Costa, 1910, p. 68), o que sugere, igualmente, uma conta que sofreu a ação do fogo, recolhida em parte incerta do sítio e possivelmente rejeitada.

Chibanes junta-se assim a sítios como Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos) e Cabeça de Vaiamonte (Monforte), ambos com datações parcialmente coevas e todos com provas da existência de uma produção local de contas em vidro, situação que não é despicienda no enriquecimento desta temática, sobretudo quando se observa um enfoque cronológico dos séculos II e I a.C.

Outro aspeto interessante decorre da distribuição equitativa, por entre as duas grandes fases que aqui nos ocupam, da predominância, em Chibanes, de contas em vidro de forma anular e de cor azul-cobalto: 10 contas oriundas de contextos da Fase II (séculos III-II a.C.), três da Fase IIIA (entre os finais do século II e os inícios do século I a.C.) e 11 da Fase IIIB (2º quartel e meados do século I a.C.). Este dado poderá ser indicativo, mais do que de uma preferência por uma determinada forma de conta, de uma tendência na produção de contas em vidro azul a partir do século III a.C. e até aos meados do século I a.C.

Esta observação poderá ajudar, eventualmente, a afinar cronologias de outros locais sem coordenadas estratigráficas, como são os casos de Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos) ou Cabeça de Vaiamonte (Monforte), onde as contas anulares nestes tons são abundantes: 72 contas no primeiro sítio

(Arruda *et al.*, 2016, p. 88-89) e um número ainda por determinar no povoado fortificado alto-alentejano (Fabião, 2001, p. 203), mas que chegará seguramente às centenas.

Neste último sítio e em Chibanes, onde a presença militar romana é importante, há que equacionar a possibilidade da existência de um mercado de contas de colar, isto é, da eventual satisfação, mediante um fabrico artesanal e local, da procura de contas em vidro azul e de forma anular. Por outras palavras, de contingentes militares romanos que, por mão própria ou localmente servidos, usavam mais ou menos ostensivamente, colares (ou outros adornos) compostos de muitas contas desta forma e desta cor.

A produção local, em Cabeça de Vaiamonte, de contas vítreas monocromas, já foi referida como muito provável (Fabião, 2001, p. 202), contrapondo-se às contas oculadas, porventura adquiridas desde fora do povoado fortificado (Estrela, 2019, p. 210). Em Porto do Sabugueiro, uma situação similar foi já referida (Arruda *et al.*, 2016, p. 94) e a produção local destes objetos no sítio ribatejano da bacia do Tejo configura o que já apelidei como uma prova mais da *atlantização* do Mediterrâneo (Estrela, 2019, p. 210).

Em Chibanes, estaremos perante o mesmo cenário, colocando o sítio num panorama de diminuição gradual das importações de contas de colar em vidro, resguardada pela produção de âmbito local/regional, em plena região interestuarina. Entre o Tejo e o Sado, Chibanes configura uma entrada do Mediterrâneo, como é fácil de ver num sítio inscrito numa área onde os estímulos orientais se notam desde tempos mais antigos. Julgo, para além disso, como muito provável a produção local de contas policromas, com o exemplar CHIB15/119 a ser eloquente a este respeito, já que revela evidentes sinais de deformação e um fabrico inacabado. E haverá ainda que procurar a eventual associação, nos contextos de recolha das contas em vidro, de ferramentas metálicas usadas no fabrico de contas.

Acerca da cornalina, já foi colocada a hipótese da existência de um certo dinamismo na difusão desta matéria-prima exótica para sítios tão interiores como Garvão e Mesas do Castelinho, a partir do século III a.C. Este dinamismo prolongar-se-á até ao século I a.C., atendendo aos contextos de recolha daquele povoado e ao peso que algumas contas desta matéria-prima detêm em contextos de utilização do século II a.C., o que poderá sinalizar uma difusão relacionada com a presença de tropas romanas na região (Estrela 2019, p. 200). A esta suposição para estes dois sítios

baixo-alentejanos, há agora que acrescentar situação similar para Cabeça de Vaiamonte (Monforte).

Para Chibanes, a suposição ganha forma de certeza, dada a presença das cinco contas cilíndricas de cornalina em espaços da ocupação de época romana onde as contas de vidro estão presentes, e de outras três contas descontextualizadas estratigraficamente e de cronologia incerta.

Aqui, porém, e ao mesmo tempo que se incrementam as produções locais/regionais de contas em vidro, por outro lado assiste-se à manutenção da aquisição de contas em cornalina. Os dados de cronologias mais antigas, dos séculos VI e V a.C., da gruta-santuário da Lapa da Cova (Sesimbra), com abundantes contas em cornalina, demonstram, no que respeita à área onde se insere Chibanes, esta mesma continuidade: uma tendência linear na aquisição, por via marítima, desta matéria-prima.

E, atendendo aos contextos de recolha das contas em cornalina, é caso para afinar a respetiva datação, da 2ª metade do século II a.C., o que resulta bastante interessante no momento de tentar datar os inícios da produção artesanal de contas em vidro.

Conclusão

Preencher o vazio da investigação, da mesma forma que os adornos ocupavam dedos, colos ou peças de vestuário ou sustinham cabeleiras, são estes os principais contributos do presente estudo.

As contas em vidro de Chibanes, os menos frequentes anéis ou as contas e pendentos em matérias-primas líticas ou de origem animal, e o alfinete de cabelo, vêm ocupar o devido lugar no que respeita aos conhecimentos deste tipo de adornos, e não só para a região onde o sítio se integra.

Conformando um conjunto de objetos aparentemente sem fins utilitários, os elementos de adorno de Chibanes são, afinal, bastante proveitosos. O registo estratigráfico permite apurar situações isoladas ou de reunião de elementos de adorno, datações (particularmente pertinentes no que respeita às contas de colar em vidro e em cornalina), afinar ritmos e tendências de formas e cores de adornos, entre os momentos terminais da Idade do Ferro e os meados do século I a.C., época conturbada da conquista do território. A componente descritiva, visível na leitura do catálogo, fornece informação pertinente para estabelecer semelhanças e diferenças relativamente a adornos de outros locais.

Por si, os adornos atenuam de algum modo o

alvorço e mostram o azul do mar ao fundo, a cor-nalina, o âmbar e o osso, o vermelho, o amarelo e o branco dos campos, num quadro um tanto ou quanto impressionista que, ainda assim, permite colorir etapas ainda pouco visíveis na investigação arqueológica.

Agradecimentos

Agradeço à Doutora Joaquina Soares o convite que me endereçou para o estudo destes materiais, um desafio perante a multiplicidade de tipos de objetos de adorno que veio animar a busca de paralelos, classificações, leituras e interpretações e os momentos de tentar responder às questões que me surgiram pelo trajeto.

Agradeço todo o auxílio prestado por Paula Covas no momento de conhecer *in loco* este acervo.

À colega Rosa Nunes as fotos que ilustram este trabalho e à amiga e colega Teresa Rita Pereira agradeço todo o apoio prestado no inventário, base de dados, desenhos, tintagens agora apresentados, mas também o esclarecimento das dúvidas relativas a questões de estratigrafia e arquitetura de Chibanes. As trocas de opiniões e as conversas, essas não se agradecem aos amigos, mas aqui fica a nota de que contam muito.

Bibliografia

- Alonso, J. (2013) – Cápsulas de sellos en Hispania romana. Aproximación a una primera clasificación formal. *Sautuola*, XVIII. Santander, p. 213-226.
- Arruda, A. M. (1999-2000) – *Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6). Barcelona.
- Arruda, A. M. (2019) – Portugal na rota das Estrímnidas: evidências marítimas. In E. Ferrer Albelda (ed.), *La ruta de las Estrímnidas. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad* (Monografías de Gahia, 4). Alcalá de Henares/Sevilla, p. 371-385.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E. de; Mendes, H.; Soares, R. (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 42. Madrid, p. 79-101.
- Arruda, A. M.; Sousa, E. De; Barradas, E.; Batata, C.; Detry, C.; Soares, R. (2017) – O Cabeço Guião (Cartaxo – Portugal): um sítio da Idade do Ferro do vale do Tejo. In S. Celestino Pérez, E. Rodríguez González (ed.), *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en Época Tartésica. Reunión Científica, Mérida (Badajoz, España), 3-4 de diciembre de 2015*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología, LXXX). Mérida, p. 319-361.
- Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- Barros, L.; Cardoso, J. L.; Sabrosa, A. (1993) – Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. In *Os fenícios no território português* (Estudos Orientais, IV). Lisboa, p. 143-181.
- Beirão, C. De M.; Silva, C. T. da; Soares, J.; Gomes, M. V.; Gomes, R. V. (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*, 3, S. IV. Lisboa, p. 45-136.
- Berrocal-Rangel, L. (1989) – El asentamiento “céltico” de Castrejón de Capote (Higuera la Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 16. Madrid, p. 245-295.
- Calado, M.; Gonçalves, L.; Mataloto, R.; Jiménez Ávila, J. (2017) – Lapa da Cova: un santuario costero en los acantilados de Sesimbra (Portugal). In M. Martínez Alcalde; J. M. García Cano; J. Blázquez Pérez; Á. Iniesta Sanmartín (ed.), *Mazarrón II. Contexto, viabilidad y perspectivas del barco B-2 de la bahía de Mazarrón. En homenaje a Julio Mas García*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, p. 525-545.
- Cardoso, G. (2018) – *Villa romana de Freiria: estudo arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. D. (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. In *O Tejo, palco de interação entre Indígenas e Fenícios* (Cira – Arqueologia, 2). Vila Franca de Xira, p. 133-180.
- Cardozo, M. (1962) – Pedras de anéis romanos encontradas em Portugal. *Revista de Guimarães*, 72 (1-2). Guimarães, p. 155-160.
- Casal García, R.; Cravinho, G. (2002) – Anillos romanos de la Colección Barreto (Lisboa). *Gallaecia*, 21. Santiago de Compostela, p. 223-243.
- Costa, A. I. M. da (1910) – Estações prehistoricas nos arredores de Setubal. Appendice. Homem protohistorico. Idades do bronze e do ferro no Castro de Chibanes. *O Archeólogo Português*, XV, S. I. Lisboa, p. 55-83.
- Cravinho, G. (2000) – Introdução ao estudo da glíptica romana. *Arqueologia*, 25. Porto, p. 95-110.
- Cravinho, G. (2009) – A importância da glíptica. *Revista de Artes Decorativas*, 2. Lisboa, p. 11-30.
- Cravinho, G. M. P. (2014) – *Glíptica Romana em Portugal*. Tesis Doctoral. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. [<http://hdl.handle.net/10347/11726>].
- Cerdeño, M. L.; Martínez, J. A.; Agua, F.; Sagardoy, T.; Monasterio, M. (2012) – Âmbar en la Meseta Oriental durante el Bronce Final: yacimientos locales y importaciones bálticas. *Trabajos de Prehistoria*, 69-2. Madrid, p. 375-384.
- Estrela, S. (2019) – Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar). In J. Soares, I. V. Pinto, C. Tavares da Silva (coord.), *Do Paleolítico ao Período Romano Republicano. Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Setúbal Arqueológica, 18). Setúbal, p. 193-214.
- Fabião, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaia Monte, Monforte. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional realizado na Universidade Aberta, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 197-228.

- Filardi, V. H. (2011) – *Caracterização química de contas de vidro arqueológicas do século VII a.C. provenientes da Quinta do Almaraz, Cacilhas*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. [http://hdl.handle.net/10362/8193].
- França, E. Á. (1968) – Alfinetes de toucado, romanos, de Conímbriga. *Conímbriga*, VII. Coimbra, p. 67-93.
- França, E. Á. (1969) – Anéis, braceletes e brincos de Conímbriga. *Conímbriga*, VIII. Coimbra, p. 17-68.
- Gomes, F. B. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [http://hdl.handle.net/10451/25042].
- Gomes, F. B. (2020) – Os exotica da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional. In J. M. Arnaud, C. Neves, A. Martins (coord.), *Arqueologia em Portugal. 2020 - Estado da questão. III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses/CITEM, p. 1175-1187.
- Gonçalves, A. P.; Soares, A. M. M.; Silva, A. C.; Berrocal-Rangel, L. (2011) – Stone beads from Late Bronze Age and Early Iron Age settlements from South-western Portugal: Analyses by X-ray diffraction. In I. Turbanti Memmi (ed.), *Proceedings of the 37th International Symposium on Archaeometry, 13th-16th May 2008, Siena, Italy*. Berlin/Heidelberg: Springer, p. 227-231.
- Guerrero Ayuso, V. M. (2008) – “Las Naves de Kerné” (II). Navegando por el Atlántico durante la protohistoria y la antigüedad. In R. González Antón, F. López Pardo, V. Peña Romo (ed.), *Los fenicios y el Atlántico* (IV Coloquio del CEFYP). Madrid, p. 69-142.
- Jimeno, A.; De la Torre, J. I.; Berzosa, R.; Martínez, J. P. (2004) – *La necrópolis celtibérica de Numancia* (Memorias de Arqueología en Castilla y León, 12). S.L: Junta de Castilla y León.
- López-Amador, J. J.; Ruiz Gil, J. A. (2010) – Las ofrendas del santuario púnico-gaditano de La Algaida (Sanlúcar de Barrameda). In E. Mata Almonte (ed.), *Cuatrenario y arqueología: homenaje a Francisco Giles Pacheco*. Cádiz: Asociación Profesional del Patrimonio Histórico-Arqueológico de Cádiz/Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de Cádiz, p. 433-450.
- López de la Orden, M. D. (1990) – *La gléptica de la Antigüedad en Andalucía*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Martín de la Cruz, J. C.; Vera Rodríguez, J. C.; Sánchez Romero, A.; Ruiz Mata, D.; Pérez Pérez, C.; Ruiz Gil, J. A.; López-Amador, J. J.; Barrios Neira, J.; Montealegre Contreras, L.; Ibarra de Dios, F. J. (2004) – Colgantes y cuentas de cornalina procedentes de Andalucía occidental. Mirando al mar. Perspectivas desde el Poniente Mediterráneo: II y I milenios a.C. *Revista de Prehistoria*, 3. Córdoba, p. 6-47.
- Martínez Mira, I.; Vilaplana Ortego, E. (2014) – Cuentas de collar de La Fonteta (Guardamar, Alicante) y La Peña Negra (Crevillente, Alicante): Descripción y análisis instrumental. In A. González Prats (ed.), *La Fonteta-2. Studio de los materiales arqueológicos hallados en la colonia fenicia de la actual desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante)* (Seminarios Internacionales sobre Temas Fenicios, 2). Alicante, p. 848-931.
- Moro Berraquero, F. J.; Simão, I.; Godinho, R. (2015) – Santa Margarida do Sado 3. La influencia fenicio-púnica en el interior de la cuenca del Río Sado. In N. Medina Rosales (ed.), *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular (Aroche-Serpa, 29, 30 de noviembre y 1 de diciembre de 2013)*. Aroche: Ayuntamiento de Aroche. P. 501- 529.
- Murillo-Barroso, M.; Martínón- Torres, M. (2012) – Amber sources and trade in the Prehistory of the Iberian Peninsula. *European Journal of Archaeology*, 15. Cambridge, p. 187-216.
- Olesti Vila, O. (2019) – Los instrumentos de escritura y registro en el noroeste peninsular en época republicana (s. II-I a.n.e.) como indicadores de romanización. *Palaeohispanica*, 19. Madrid, p. 55-79.
- Pereira, C. (2018) – *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia* (O Arqueólogo Português, Suplemento 9). Lisboa.
- Pereira, G. R.; Arruda, A. M. (2017) – Boats carved on the Atlantic coast of the Iberian peninsula. Landscape, symbols and people. In A. M. S. Bettencourt, M. Santos Estevez, H. A. Sampaio, D. Cardoso (ed.), *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west*. (Bar International Series, 2878). Oxford, p. 193-207.
- Pereira, T. R. (2008) – *Os artefactos metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em época romana. Metalurgia em transição: a amostra numa análise de conjunto*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [http://repositorio.ul.pt/handle/10451/393].
- Pimenta, J. (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia, 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2015) – Catálogo. *O Sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira. Em busca de Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 134-199.
- Pimenta, J.; Silva, C. Da; Soares, L.; Pereira, T. R. (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*, 3. Lisboa, p. 45-79.
- Rascón Marques, S.; Polo López, J.; Pedreira Campillo, G.; Román Vicente, P. (1995) – Contribución al conocimiento de algunas producciones en hueso de la ciudad hispanorromana de Complutum: el caso de las *acus crinales*. *Espacio, tiempo y forma. Prehistoria y Arqueología*, 8, S. I. Madrid, p. 295-340.
- Rei, A. (2005) – O *Gharb al-Andalus* em dois geógrafos árabes do século VII/XIII: Yâqût al-Hamâwî e Ibn Sa’îd al-Maghribi. *Medievalista online*, 1. Lisboa, p. 1-22.
- Ruano Ruiz, E. (1995) – Cuentas policromas prerromanas decoradas con “ojos”. *Espacio, tiempo y forma. Historia antigua*, 8, S. II. Madrid, p. 255-286.
- Ruano Ruiz, E. (1996) – *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera* (Treballs del Museu Arqueològic d'Eivissa, 36). Eivissa: Govern Balear/Conselleria d'Educació, Cultura i Esports.
- Ruano Ruiz, E. (1997) – Perles en verre provenant de la nécropole ibérique d'El Cigarralejo, Mula (Murcia, Espagne), V^e-II^e siècle av. J.-C. In U. von Freedden, A. Wiczorek (ed.), *Perlen. Archäologie, Techniken, Analysen. Akten des Internationalen Perlensymposiums in Mannheim vom 11.bis 14. Novembrer 1994* (Kolloquien zur Vor-und Frugeschichte, 1). Bonn, p. 13-40.
- Ruano Ruiz, E.; Hoffman, P.; Rincón, J. M. (1995) – Aproximación al estudio del vidrio prerromano: los materiales procedentes

- de la necrópolis ibérica de El Cigarralejo (Mula, Murcia). Composición química de varias cuentas de collar. *Trabajos de Prehistoria*, 52 (1). Madrid, p. 189-206.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (1986) – Orfebrería púnica: los collares de Ibiza en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid. *Saguntum*, 20. Valencia, p. 57-94.
- Soares, J; Tavares da Silva, C.; Duarte, S; Pereira, T. R; Soria, V. (2019) – Aspectos da presença militar romano-republicana no Castro de Chibanes (Palmela). *Revista portuguesa de arqueologia*, 22. Lisboa, p. 79-93.
- Sousa, E. De (2014) – *A Ocupação Pré-romana da Foz do Estuário do Tejo* (Estudos & Memórias 7). Lisboa.
- Sousa, E. de; Pimenta, J; Mendes, H; Arruda, A. M. (2016-2017) – A ocupação proto-histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira – Arqueologia*, 5. Vila Franca de Xira, p. 9-32.
- Sidarus, A; Rei, A. (2001) – Lisboa e o seu termo segundo os geógrafos árabes. *Actas do Colóquio Lisboa: Encruzilhada de muçulmanos, judeus e cristãos. 850º Aniversário da reconquista de Lisboa* (Arqueologia Medieval, 7). Mértola/Porto, p. 37-72.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1997) – Chibanes Revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*, VI, p. 33-66.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C. In I. C. Fernandes, M. T. Santos (coord.), *Palmela arqueológica no contexto da região interestuarina Tejo-Sado*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, p. 67-87.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2014) – O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura. *Setúbal Arqueológica*, 15. Setúbal, p. 105-172.
- Zbyszewski, G; Ferreira, O. Da V; Santos, C. (1968) – Acerca do campo fortificado de “Chões” de Alpompe (Santarém). *O Arqueólogo Português*, 2, S. III. Lisboa, p. 49-57.